

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAINE M. VERGOPOLEM W.

FLORES DE CAÁ-YARI

Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate

Curitiba  
2025

JAINÉ MAIZE VERGOPOLEM WASSMANSDORF

FLORES DE CAÁ-YARI

Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de produto, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel, Curso de Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos dos Santos

Curitiba  
2025

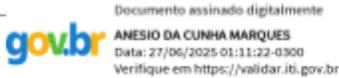


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
 Rua Bom Jesus, 650, Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010  
 Telefone: 3360-5000 - <https://ufpr.br/>

### ATA DE REUNIÃO

#### ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 23/06/2025, às 19 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar a aluna **JAINÉ MAIZE VERGOPOLEM WASSMANSDORF** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **FLORES DE CAÁ-YARI - Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate**. Após informar as normas do exame de avaliação, o orientador passou a palavra para que a aluna realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, a aluna foi arguida pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

| Professora              | Nota | Assinatura  |
|-------------------------|------|---|
| ANÉSIO DA CUNHA MARQUES | 100  |  <p>Documento assinado digitalmente<br/> <b>ANESIO DA CUNHA MARQUES</b><br/>           Data: 27/06/2025 01:11:22-0300<br/>           Verifique em <a href="https://validar.ib.gov.br">https://validar.ib.gov.br</a></p> |
| LUÍS CARLOS DOS SANTOS  | 100  |   |
| VALQUÍRIA MICHELA JOHN  | 100  |   |

Sendo assim, a média aritmética atribuída à aluna na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi **100**, nota que será lançada no SIGA pelo Professor Orientador somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. A aluna foi considerada aprovada na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.

LUÍS CARLOS DOS SANTOS

Professor Orientador



Documento assinado eletronicamente por **LUIS CARLOS DOS SANTOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/06/2025, às 12:00, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **VALQUIRIA MICHELA JOHN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/06/2025, às 12:28, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida [aqui](#) informando o código verificador **7849168** e o código CRC **701CCE7F**.

*Aos meus pais, Bernardo Vergopolem e Veronica Hinka Vergopolem; e para todas as  
almas irmãs deste sonho, cujo afeto fez brotar a coragem e fê-lo, enfim, florescer.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, com a profundidade do coração da terra, à minha família, meu refúgio e porto seguro, fonte abundante de inspiração, apoio e coragem para seguir adiante.

À minha mãe, Veronica Hinka Vergopolem, exemplo sublime de força, persistência e amor que nunca se dobra ao tempo. Ao meu pai, Bernardo Vergopolem, pioneiro nas causas nobres da erva-mate e da agroecologia, cujo idealismo planta sementes de justiça e esperança.

Aos meus irmãos, Jessica Mara Vergopolem, que com suas palavras e gestos, alimenta meus sonhos; e Jean Bernardo Vergopolem, que como um tronco firme está sempre ao meu lado e, agora, junto de sua companheira, Patrícia Ferreira da Silva, ambos vem compartilhando afeto e multiplicando incentivos.

À minha avó paterna, Helena Smyl Vergopolan, cuja força inabalável e sabedoria moldaram gerações, deixando em mim o eco de suas lições para sempre '*ser forte*'. Ao meu avô paterno, Augusto Vergopolan, arquiteto conjunto desta história.

Aos meus avós maternos, Maria Novacki Hinka e João Hinka, cujo exemplo de união e companheirismo ressoa como poesia nos laços familiares que cultivo.

A Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf, meu companheiro de todas as jornadas, que esteve ao meu lado em cada viagem e saída para campo deste projeto – e, acima de tudo, meu grande amor.

Aos esforços acadêmicos já empreendidos sobre os Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate, que formaram as bases para a construção deste projeto. Em especial, agradeço à Maria Izabel Radomski, que dedicou sua vida à pesquisa e ao aprofundamento da prática, e a Anésio da Cunha Marques, nossa influência inicial.

Por fim, rendo minha gratidão aos mestres que me abriram os olhos para a arte que transforma o olhar e a minha alma: a fotografia. Ao Dr. Luís Carlos dos Santos e à Dra. Valquíria Michela John, orientadores e guias deste projeto, deixo minha reverência por iluminar caminhos que antes estavam entre a penumbra e a luz.

Cada um de vocês – e vários não citados –, com suas vidas e gestos, é parte indelével do que sou e do que construí. Através do entrelaçar de nossas vivências, floresce a força que nos impulsiona a avançar, desafiando os limites do que é possível.

*“Esta é uma arte que conserta a natureza:  
muda-a, mas, a arte em si é a natureza”.*

*Contos de Inverno, Shakespeare.*

## RESUMO

Este trabalho apresenta *Caá-Yari* — a erva-mate — por meio de uma abordagem visual, destacando seus aspectos ambientais, produtivos, socioeconômicos e culturais, relacionados aos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate. Revela-se o valor profundo da erva-mate para as comunidades familiares, evidenciando suas formas de organização coletiva e as práticas sustentáveis que preservam o território e os saberes vitais que ali florescem. A fotografia é compreendida como uma linguagem sensível, um canal de expressão capaz de dar voz à natureza e despertar olhares. É nesse entrelace que surge o fotolivro *'Flores de Caá-Yari – Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate'*, obra que, através de um olhar poético-documental, busca traduzir a riqueza desses sistemas em imagens que falam e emocionam. Defende-se o fotolivro como um produto artístico e documental que enaltece a erva-mate e seu entorno, harmonizando escolhas estéticas e técnicas para fortalecer uma narrativa visual envolvente e significativa. Assim, esta pesquisa oferece uma contribuição reflexiva sobre o papel da comunicação visual na valorização dos patrimônios, promovendo um diálogo indireto e fecundo entre arte, memória e sustentabilidade deste saber ancestral.

Palavras-chave: Fotolivro, Erva-mate, Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate;

## ABSTRACT

This work presents *Caá-Yari* — yerba mate — through a visual approach, highlighting its environmental, productive, socioeconomic and cultural aspects, related to Traditional and Agroecological Yerba Mate Systems. The profound value of yerba mate for family communities is revealed, highlighting their forms of collective organization and sustainable practices that preserve the territory and the vital knowledge that flourishes there. Photography is understood as a sensitive language, a channel of expression capable of giving voice to nature and awakening attention. It is in this intertwining that the photobook 'Flores de Caá-Yari – Uma viagem fotografia através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate' (*Caá-Yari* Flowers – A photographic journey through the essence of Traditional and Agroecological Yerba Mate Production Systems) emerges, a work that, through a poetic-documentary perspective, seeks to translate the richness of these systems into images that speak and move. The photobook is defended as an artistic and documentary product that extols yerba mate and its surroundings, harmonizing aesthetic and technical choices to strengthen an engaging and meaningful visual narrative. Thus, this research offers a reflective contribution on the role of visual communication in the valorization of heritage, promoting an indirect and fruitful dialogue between art, memory and sustainability of this ancestral knowledge.

Keywords: Photobook, Yerba Mate, Traditional and Agroecological Yerba Mate Systems;

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| FIGURA 1 - FOLHA DE CAÁ-YARI - A ERVA-MATE .....  | 11 |
| FIGURA 2 - PILÃO COM ERVA-MATE .....  | 12 |
| FIGURA 3 - PÉ DE ERVA-MATE .....  | 13 |
| FIGURA 4 - FAMÍLIA VERGOPOLEM .....   | 16 |
| FIGURA 5 - ERVA-MATE PRONTA PARA CHIMARRÃO .....  | 17 |
| FIGURA 6 - FLORESTA COM ARAUCÁRIA E ERVA-MATE .....                                     | 22 |
| FIGURA 7 - BERNARDO VERGOPOLEM FAZENDO A COLHEITA DO MATE .....                         | 23 |
| FIGURA 8 - MAPA DOS SISTEMAS TRADICIONAIS E AGROECOLÓGICOS DE ERVA-MATE NO BRASIL ..... | 26 |
| FIGURA 9 - SERRAS DE BITURUNA, PARANÁ .....   | 28 |
| FIGURA 10 - DOVIMA COM ELEFANTES .....  | 42 |
| FIGURA 11 - JOVEM BANIWA. RIO IÇANA, AMAZONAS .....                                     | 44 |
| FIGURA 12 - ERVAL SOB NÉVOA .....   | 47 |
| FIGURA 13 - INDÍGENAS, AMAZÔNIA .....   | 50 |
| FIGURA 14 - LAOS MAN AND LAOS WOMAN .....   | 51 |
| FIGURA 15 - TRONCO CORTADO .....  | 52 |
| FIGURA 16 - INTERIOR DA CASA .....  | 53 |
| FIGURA 17 - COLHEITA DA ERVA-MATE .....   | 54 |
| FIGURA 18 - CHIMARRÃO NO BARBAQUÁ .....   | 54 |
| FIGURA 19 - IMAGEM CRUA, SEM EDIÇÕES .....  | 60 |
| FIGURA 20 - EXEMPLO DE EDIÇÃO DE COR E ILUMINAÇÃO .....                                 | 60 |
| FIGURA 21 - INVÓLUCRO 'FLORES DE CAÁ-YARI' .....  | 61 |
| FIGURA 22 - CAPA DO FOTOLIVRO, FRENTE E VERSO .....                                     | 62 |
| FIGURA 23 - LUVA E FOTOLIVRO 'FLORES DE CAÁ-YARI' .....                                 | 63 |

## SUMÁRIO

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| <b>1.</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 11 |
| <b>2.</b> | <b>A ERVA-MATE EM SEUS ASPECTOS AMBIENTAIS, PRODUTIVOS, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS</b> .....   | 20 |
| 2.1.      | Caá-Yari - a nossa erva-mate .....  | 20 |
| 2.2.      | A erva-mate tradicional e agroecológica <i>versus</i> a erva-mate sombreada .....   | 24 |
| 2.3.      | Os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate .....  | 26 |
| 2.4.      | Do mutirão à organização .....  | 27 |
| <b>3.</b> | <b>A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO VOZ DA NATUREZA</b> .....  | 35 |
| 3.1.      | A linguagem visual como meio de expressão e de comunicação .....  | 35 |
| 3.2.      | O registro imagético e a preocupação com o meio ambiente .....  | 40 |
| 3.3.      | A fotografia da natureza .....  | 41 |
| <b>4.</b> | <b>NASCE O FOTOLIVRO ‘FLORES DE CAÁ-YARI – UMA JORNADA FOTOGRÁFICA ATRAVÉS DA ESSÊNCIA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO TRADICIONAIS E AGROECOLÓGICOS DE ERVA-MATE’</b> ..... | 46 |
| 4.1.      | Por que um fotolivro? .....   | 47 |
| 4.2.      | Inspirações e aspirações fotográficas .....   | 49 |
| 4.3.      | A construção poético-documental do fotolivro .....  | 55 |
| 4.3.1.    | Quem são e onde se encontram as “Flores de Caá-Yari”? .....   | 57 |
| 4.3.2.    | Escolhas estéticas e técnicas .....   | 58 |
| 4.3.3.    | Organização orçamentária do projeto criativo .....  | 63 |
| <b>5.</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 65 |
| <b>6.</b> | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 69 |
| <b>7.</b> | <b>APÊNDICES</b> .....  | 75 |
| 7.1.      | QR-Code do fotolivro digital .....  | 75 |
| 7.2.      | Sumário   legendas .....  | 75 |
| 7.3.      | Entrevistas com erveiros – os guardiões de <i>Caá</i> .....   | 78 |
| 7.4.      | Entrevista com Valdivino Sant’Ana .....   | 78 |
| 7.5.      | Entrevista com João Gabsk – o guardião do carijo .....  | 80 |
| 7.6.      | Entrevista com Domingos Krul .....  | 81 |

## 1. INTRODUÇÃO

A *Caá Yari* — denominação indígena da erva-mate — simboliza mais do que uma simples espécie florestal; ela é uma entidade profundamente enraizada no tecido ambiental, cultural, histórico, social e econômico da região Sul do Brasil. Sua presença transcende o valor material, sendo elemento vital, que representa uma herança ancestral e coletiva. Classificada cientificamente como *Ilex paraguariensis*, se configura como o principal recurso não madeireiro da economia florestal local. A erva-mate (Figura 1) sempre ocupou uma posição central na história e na paisagem do Paraná, destacando-se como um elemento essencial para a economia regional e formando uma elite econômica local. Sua importância foi tal que justificou a construção de uma ferrovia entre o litoral e o planalto e consolidou o rio Iguaçu como rota de navegação (MIRANDA, 1998, p. 31).

Figura 1 - Folha de *Caá-Yari* – a erva-mate.



Fonte: A autora.

As características básicas do processo de coleta e preparo da erva-mate não foram afetadas com o tempo. Ao contrário, '*fazer erva*' (Figura 2), como se diz ainda hoje, sempre foi um processo simples, onde as operações básicas - coleta, sapeco, secagem e cancheamento - podem ser executadas com poucas exigências técnicas. Esses procedimentos fazem parte do tradicional 'ciclo barbaquá', de beneficiamento primário da erva-mate, e se fundamentam no grande conhecimento prático armazenado pelos ervateiros ao longo de séculos de experiência e trabalho.

Figura 2 - Pilão com erva-mate.



Fonte: A autora.

No início da colonização, os espanhóis não levaram em conta esses conhecimentos. Deixaram de lado, por exemplo, a coleta indígena, que retirava apenas o necessário para o consumo, mantendo sempre uma boa cobertura de folhas em cada árvore. Preocupados apenas com o aumento da produção, arrancavam praticamente até a última folha. As árvores exauridas deixavam de produzir e, com isso, tornava-se necessário penetrar cada vez mais na floresta, em busca de novas ervaíras, dificultando ainda mais a coleta (MIRANDA, 1998, p. 57-58).

A lenda da erva-mate, presente na tradição dos povos Tupis e Guaranis, conta a história de Iara, uma jovem Tupi que vivia nas proximidades das Sete Quedas, cachoeira do Rio Paraná. Em um de seus rituais diários, Iara, ao banhar-se nas águas das cachoeiras, recebe a visita de sete araras que, enviadas por Tupã (Deus), revelam a ela uma árvore que seria capaz de ajudar na cura dos anciãos e das crianças do seu povo. Essa árvore é o pé de erva-mate (Figura 3). Emocionada e determinada, Iara corre para contar aos anciãos e ao pai sobre sua visão, oferecendo até sua vida como prova da veracidade do ocorrido. A lenda possui ainda um outro lado da história, que a complementa – e que vou apresentar no capítulo II deste trabalho –, e é considerada um marco na descoberta do beneficiamento da erva-mate (CEDERVA, 2020).

Figura 3 - Pé de erva-mate.



Fonte: A autora.

Eu, Jaine Maize Vergopolem, nasci e cresci envolta pela essência de Caá-Yari – erva-mate –, dentre os pinhais da propriedade Serra das Araucárias, localizada no município de Bituruna, no Paraná. Por mais de dezoito anos, minha vida foi entrelaçada com a erva-mate – e ainda perpetua, mesmo que de maneira levemente indireta –, não

apenas como observadora, mas como parte ativa de um sistema que pulsa através das gerações da minha família. A agricultura familiar<sup>1</sup>, enraizada na agroecologia<sup>2</sup>, sempre foi o coração do nosso cotidiano. Meu contato diário com as práticas tradicionais e agroecológicas de cultivo da *Caá* – mato, planta, em Tupi – não se limita apenas a um trabalho, mas uma vivência profunda, que conecta o ser humano ao ritmo natural da terra e da biodiversidade. Em cada ciclo de plantio e colheita, eu pude testemunhar o diálogo silencioso entre o homem e a floresta, um dar e receber mútuo. A preservação do solo, o respeito pelas águas e a manutenção da biodiversidade, que se revelavam como pilares inegociáveis desse processo, pois a erva-mate, cultivada de forma sustentável, não só regenera a terra, mas também nutre a alma das comunidades.

Nos sistemas de produção tradicionais, fundamentados em florestas naturais, o cultivo da erva-mate revela uma sabedoria ancestral, onde o conhecimento transmitido por gerações se torna um elo vivo entre o passado e o futuro, preservando não apenas a biodiversidade, mas também a cultura e as identidades locais. A história dos sistemas tradicionais e as ações voltadas à agroecologia estavam intrinsecamente ligadas desde o início. Entre os anos de 1993 e 1994, a AS-PTA (Agricultura Familiar e Agroecologia), se instalou na região de União da Vitória-PR, começando seus trabalhos relacionados à agroecologia. Hoje, o sistema concorre ao reconhecimento como Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM), pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), entre outras ações e lutas dos próprios produtores, que almejam conquistar reconhecimento, valorização justa e independência mercadológica sobre a sua matéria prima.

---

<sup>1</sup> Refere-se a sistemas de produção agrícola em que a família é a principal responsável pelo trabalho e pela gestão das atividades na propriedade. Essa modalidade é marcada pelo uso de mão de obra familiar, a produção em pequenas áreas e o cultivo diversificado, o que contribui para a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável.

<sup>2</sup> Termo cunhado para demarcar um novo foco de necessidades humanas, qual seja, o de orientar a agricultura à sustentabilidade, no seu sentido multidimensional. Num sentido mais amplo, ela se concretiza quando, simultaneamente, cumpre com os ditames da sustentabilidade econômica (potencial de renda e trabalho, acesso ao mercado), ecológica (manutenção ou melhoria da qualidade dos recursos naturais e das relações ecológicas de cada ecossistema), social (inclusão das populações mais pobres e segurança alimentar), cultural (respeito às culturas tradicionais), política (organização para a mudança e participação nas decisões) e ética (valores morais transcendentais). (Marco referencial em agroecologia, Embrapa, 2006, p. 22-23.)

E é com essa perspectiva que este trabalho se propõe à criação de um fotolivro autoral, constituindo o primeiro *corpus* visual dedicado somente aos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate, encontrados nas regiões Centro-Sul do Paraná e no Planalto Norte de Santa Catarina (CUNHA, 2014). A motivação central dessa empreitada é transcender a divulgação de dados factuais, promovendo, de maneira mais sensível e imersiva, a partilha das narrativas humanas e identitárias que permeiam esse ecossistema. Através da fotografia, almeja-se captar não apenas a ação e a causa política que circunda o tema, mas a profundidade da conexão entre a natureza, a cultura da erva-mate e os aspectos visuais que constroem esse refúgio criativo.

O objetivo primordial do projeto é ampliar a visualização dessa conexão com o cultivo do mate e dos saberes associados aos sistemas de produção de erva-mate, possibilitando que um público mais amplo conheça a relevância desses modos de cultivo. A obra, intitulada '*Flores de Caá-Yari - Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate*', visa celebrar essa sinergia entre ser humano e natureza. Entre os objetivos específicos do projeto, destacam-se: demonstrar o funcionamento do sistema de produção, apresentar sua importância ecológica e cultural, construir uma narrativa centrada no impacto social dessas práticas, evidenciar o caráter ambiental e sustentável do sistema, e mostrar como o desenvolvimento pessoal e social se entrelaça profundamente com o cultivo da *Caá-Yari* – a nossa querida erva-mate.

O foco principal deste trabalho reside em destacar as erveiras(os)<sup>3</sup>, como protagonistas da narrativa visual – e também produtores da mesma. Ao explorar a relação entre as produções tradicionais e agroecológicas, o fotolivro buscará evidenciar os aspectos socioambientais do sistema. Isso é fundamental na preservação destas práticas e no desenvolvimento da agroecologia, e suas histórias, ainda pouco visibilizadas, e ainda menos poetizadas, e que merecem ser contadas. E elas serão contadas por mim e através de mim, mas também por meus pais, Veronica Hinka Vergopolem e Bernardo Vergopolem; meus irmãos, Jessica Mara Vergopolem e Jean Bernardo Vergopolem; minha cunhada, Patrícia da Silva; meus avós, João Hinka e

---

<sup>3</sup> Erveiros(as) são pessoas que fazem a colheita, manuseio, preparação e beneficiamento da erva-mate, segundo o conhecimento próprio e popular.

Maria Novaski Hinka; e, é claro, também por meu companheiro de vida e de todos os campos que realizei neste trabalho, meu querido, Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf. (Figura 4)

Figura 4 - Família Vergopolem.



Fonte: A autora.

A razão subjacente a este trabalho reside na exploração da relação entre as produções tradicionais e agroecológicas da erva-mate, delineando os aspectos socioambientais e os atores envolvidos nesse contexto. A intenção é desenvolver um material ilustrativo sobre os Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate, através da captura fotográfica das narrativas dos participantes.

A visão, um dos sentidos humanos mais preponderantes, será explorada como instrumento para compreender a essência do sistema de produção, oferecendo uma perspectiva singular. Incorporando minha experiência pessoal, a fotografia será empregada como uma narrativa de florescimento e história, enriquecendo a abordagem criativa do projeto e explorando a intrincada interconexão entre natureza, cultura da erva-mate e expressão visual.

Por meio da lente fotográfica, além de capturar as nuances intrincadas e a heterogeneidade inerente a esse contexto, o trabalho não envolve apenas a exaltação da estética visual, mas, de maneira concomitante, a ênfase da importância intrínseca desses sistemas de produção. Como aponta Ramos (2021), o fotolivro vai muito além do aspecto fotográfico em si, pois são gerados:

[...] pela cooperação entre fotografias, texto, design e elementos gráficos e, em geral, possuem uma potência narrativa. Portam mundos, realidades que acontecem ali dentro. Podem ser fonte de informação e de experiências. Em geral, a concepção, a materialidade e o formato dos fotolivros se dão em função não apenas do que se quer comunicar, mas também da própria comunicação, num entrelaçamento incessante (RAMOS, 2021, p. 24-25).

Deste modo, o projeto criativo constituirá uma narrativa visual imersiva, evidenciando a íntima interconexão entre a exuberância natural, a rica tradição da cultura da erva-mate e as manifestações visuais que emanam dessa esfera singular, que brota da terra e difunde-se em partilha, como por exemplo no mate (Figura 5).

Figura 5 - Erva-mate pronta para chimarrão.



Fonte: A autora.

Para além de sua função estética, o fotolivro será concebido enquanto um manifesto ambiental, engajando-se na conscientização acerca da imperatividade da preservação desses sistemas produtivos. Simultaneamente, também pode servir como um espaço de refúgio criativo, pois este projeto está comprometido com a criação de uma obra que não apenas informa, mas, primordialmente, inspira, celebrando a sinergia harmônica entre a natureza, a cultura e a expressão visual encapsuladas nos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate.

Metodologicamente, o trabalho está baseado em uma pesquisa teórica bibliográfica e de meios digitais para a conceituação dos contextos geográficos, sociais e científicos do tema e das discussões teóricas sobre imagem e comunicação – aplicadas ao fotodocumentarismo. Na pesquisa de campo, foram desenvolvidas visitas *in loco* às propriedades rurais para a captação das imagens e para a realização de algumas entrevistas<sup>4</sup> para enriquecer e deixar como legado a parte histórica e a ligação social de alguns erveiros com o sistema de produção. As conversas imitaram o formato “prosa” – tão comum na região –, ou seja, foram realizadas no formato de pesquisa semiestruturada, que para Queiroz (1988), “é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e ‘pesquisador’, e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos”. E o meu objetivo é guardar um pouco da história da *Caá-Yari* aqui.

Para dar conta da proposta, optamos por dividir este trabalho em três partes principais. No Capítulo 2 – A erva-mate em seus aspectos ambientais, produtivos, socioeconômicos e culturais –, abordamos em profundidade as dimensões que envolvem a produção da erva-mate, evidenciando sua relevância nas esferas que permeiam os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-Mate.

Em seguida, no Capítulo 3 – A imagem fotográfica como voz da natureza –, apresentamos a abordagem adotada para o tema por meio da comunicação visual, com ênfase na linguagem fotográfica. Discutimos o papel da imagem como mediadora de sentidos, explorando seus aspectos comunicativos, lúdicos e poéticos — na tentativa de compartilhar com o observador a beleza contida no ciclo de produção da erva-mate, segundo o sistema retratado.

---

<sup>4</sup> Todas as entrevistas encontram-se no Apêndice 7.3.

Por fim, no Capítulo 4 – Nasce o fotolivro ‘Flores de *Caá-Yari* – Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-Mate’ –, apresento, em primeira pessoa, o processo de construção do fotolivro. Detalho escolhas estéticas e conceituais, inspirações, desafios e facilitadores envolvidos, assim como a organização narrativa das imagens, pensada para proporcionar uma experiência visual imersiva, capaz de ampliar a compreensão sobre a essência, a cultura e a poesia que permeiam esse sistemas de produção.

## **2. A ERVA-MATE EM SEUS ASPECTOS AMBIENTAIS, PRODUTIVOS, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS**

Neste capítulo abordaremos a erva-mate em seus múltiplos contextos, destacando sua relevância cultural, ambiental, produtiva e socioeconômica. Inicialmente, será analisado o cultivo da erva-mate, com ênfase nas práticas agrícolas adotadas, incluindo as abordagens tradicionais e agroecológicas, e suas implicações para a sustentabilidade ambiental. A discussão também se estenderá às características da cadeia produtiva da erva-mate, considerando a relação entre os sistemas agroflorestais e o desenvolvimento da agricultura familiar. Além disso, será feito um levantamento histórico-cultural da origem, ações e das conquistas relacionadas aos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate. Por fim, o capítulo vai expor os desafios e as oportunidades para a sustentabilidade econômica da produção de erva-mate, destacando as alternativas de valorização do produto, incluindo o comércio justo e certificações ambientais.

### **2.1. *Caá-Yari* – a nossa erva-mate**

Partindo da lenda indígena, que envolve tanto os Tupis quanto os Guaranis, através da intermediação de dois personagens principais, Iara, uma jovem Tupi, que vivia na margem direita do Rio Paraná, na altura das hoje submersas Sete Quedas, a maior cachoeira do mundo em volume d'água; e Gupi, rapaz Guarani, que habitava a outra margem do Rio Paraná (CEDERVA, 2020), emerge a descoberta do chá de *Caá* – "folha" ou "planta" em tupi-guarani.

Segundo a história, Iara, preocupada com a saúde dos mais velhos e das crianças de sua tribo, recebe a visita de sete araras que, em nome de Tupã, lhe mostram uma árvore misteriosa chamada *Caá*, que teria poderes curativos. A história se intensifica com o castigo de Gupi, que, ao tentar salvar um Jatobá de um incêndio, é amaldiçoado por Anhanguera, um espírito maligno. Em sua jornada para casa, *Gupi* é arrastado pelas águas turbulentas do Rio Paraná, mas é resgatado por pescadores Tupis e levado até a tribo de Iara. Durante o processo de cura, Iara lembra da profecia das araras e, com o conhecimento de Guarani, prepara o chá, purificando suas folhas com o fogo.

A lenda da erva-mate sapecada simboliza a união dos povos Tupi e Guarani, com o casamento dos dois jovens e a descoberta do poder da erva-mate, que se espalha entre os povos indígenas. O uso da erva-mate como medicamento e como símbolo cultural se propaga por outras regiões, eventualmente chegando aos Incas, que passaram a chamá-la de "Mati", em referência ao recipiente usado para beber o chá (CEDERVA, 2020). Essa lenda está intimamente ligada à visão de mundo dos povos indígenas, onde a natureza é uma fonte de sabedoria e cura, e a erva-mate representa essa conexão espiritual e medicinal.

Em 1810, Aimé Bonpland e Alexandre von Humboldt publicaram o compêndio "Geografia das Plantas", descrevendo espécies do gênero *Ilex*, ao qual pertence a erva-mate. Humboldt, considerado o fundador da Geografia Botânica, influenciou Bonpland, que delimitou a área de ocorrência da erva-mate, ampliando o conhecimento sobre a flora regional e estabelecendo bases para futuras pesquisas botânicas (MIRANDA, 1998, p. 31).

A espécie *Ilex paraguariensis*, mais conhecida como erva-mate, também possui seus nomes vulgares no Brasil, como: caá; caáguasçu; carvalho-branco; caúna, no Estado de São Paulo; congoín; congonha, erva-congonha, erveira e pau-de-erva, no Rio Grande do Sul; congonha-grande; congonha; congonhinha, no Paraná; erva; erva-piriquita, em Santa Catarina; erva-mate-peluda; erva-mate-de-talo-branco; erva-mate-do-talo-roxo; erva-verdadeira; mate, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina; orelha-de-burro.

A Floresta Ombrófila Mista Montana, também conhecida como Floresta com Araucária (Figura 6), é caracterizada pela presença marcante do pinheiro-do-paraná (*Araucaria Angustifolia*) em uma associação evolutiva notável. Ela se estende até áreas de Floresta Estacional Semidecidual no noroeste do Paraná e no sul do Mato Grosso do Sul (CARVALHO, 2003, p. 456). A erva-mate é uma espécie que integra a fase de maturidade desse ecossistema, com alta tolerância à sombra, adaptando-se a ambientes avançados em desenvolvimento. Seu crescimento lento permite que coexista harmoniosamente com outras espécies, especialmente com o pinheiro-do-paraná. Esse convívio, que faz parte do conhecimento ancestral dos povos indígenas, levou as plantas a serem chamadas de "irmãs". Naturalistas dos séculos XVII e XVIII notaram

que a erva-mate prosperava sob a proteção das araucárias, uma observação registrada nos estudos da época (MIRANDA, 1998, p. 31).

Figura 6 - Floresta com Araucária e erva-mate.



Fonte: A autora.

*Caá* regenera-se com facilidade quando raleados os seus entornos e galhos. A extração de erva-mate, concentrada na Região Sul do Brasil, gerou o segundo maior valor de produção entre os produtos não madeiros em 2023, totalizando R\$589,6 milhões, segundo o Departamento de Economia Rural (DERAL, 2023). No contexto do Valor Bruto da Produção (VBP) florestal do Paraná, a erva-mate se destaca, contribuindo com 4,7% para o total do setor, avaliado em R\$ 9,2 bilhões em 2023, mantendo um desempenho próximo ao do ano anterior, segundo dados do Deral, do ano de 2023.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) de 2023, o Brasil produziu um total de 425,8

mil toneladas de erva-mate na extração vegetal, das quais 370,4 mil toneladas foram provenientes do Paraná (IBGE, 2023). (Figura 7)

Figura 7 - Bernardo Vergopolem fazendo a colheita do mate.



Fonte: A autora.

O Paraná mantém a liderança nacional na produção de erva-mate. Os 132 municípios paranaenses que produzem erva-mate em escala comercial registraram um VBP de R\$ 1,2 bilhão, destacando-se como principais produtores os municípios de Cruz Machado, São Mateus do Sul e Bituruna. De acordo com a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SEAB) e o DERAL, o levantamento definitivo da produção rural paranaense aponta que o município de Bituruna, pertencente ao Núcleo Regional de União da Vitória, produziu 81 mil toneladas de erva-mate em folha, resultando em um VBP de R\$ 124,4 milhões (SEAB/DERAL, 2023).

## 2.2. A erva-mate tradicional e agroecológica *versus* a erva-mate sombreada

A produção de erva-mate existe em dois lados de uma mesma moeda – no caso em estudo, uma mesma planta. A *Ilex paraguariensis* pode estar relacionada com valores históricos, culturais, ambientais, sociais, étnicos, etc. e, portanto, é um produto do “saber fazer” histórico de diferentes gerações e culturas. Pelo outro lado, existe um modelo que preconiza e busca sistemas de produção com alto rendimento, os quais são monocultivos ou estão sob baixa biodiversidade, e aplica, desenvolve e faz a utilização de clones.

Entendemos que há duas visões muito distintas sobre o produto erva-mate e os sistemas de produção: a) produtivista e b) conservacionista. Na visão produtivista impera a lógica capitalista de mercado, na qual a erva-mate é vista como simples mercadoria e matéria prima para indústrias (ervateiras) de médio e grande porte. Por outro lado, na visão conservacionista, considera-se a humanidade como parte da natureza, reconhecendo que a mesma tem limites biofísicos para sua exploração. A erva-mate produzida em sistemas tradicionais e agroecológicos constitui-se em alternativa de renda para agricultores(as) familiares. (CHAIMSOHN E RADOMSKI, 2016, p. 02).

Vale ressaltar que o termo “erva-mate sombreada” passou por uma disputa de sentidos ao longo do tempo. Originalmente, era utilizado por agricultores familiares e por defensores da agroecologia para nomear os cultivos realizados sob a proteção da floresta nativa — uma prática tradicional que valoriza a biodiversidade e a interação respeitosa com o ecossistema. No entanto, com o avanço dos modelos produtivistas, o termo foi progressivamente apropriado pelo setor técnico-científico vinculado ao agronegócio, que passou a utilizá-lo para designar sistemas de produção com sombreamento, mas tecnificados, baseados em clones e voltados à alta produtividade e ao mercado.

Diante dessa apropriação simbólica, os agricultores agroecológicos se viram forçados a adotar uma nova nomenclatura — “sistemas agroecológicos” — perdendo, assim, um termo que por muito tempo representou sua identidade ecológica, cultural e prática de cultivo em harmonia com a floresta.

Nesse contexto, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) formalizou duas denominações distintas para os modelos de produção: os sistemas tradicionais e agroecológicos de erva-mate, registrados como Erva XXI, e os sistemas tecnificados, identificados como Erva XX, sob o nome de “erva-mate sombreada”. É

importante notar que, embora os sistemas tradicionais existam há muito mais tempo, o reconhecimento científico-institucional a eles foi posterior. Isso reforça uma assimetria histórica, em que os saberes populares e comunitários são frequentemente marginalizados frente à lógica técnico-científica e ao capital.

O poderio tecnicista também se apresenta forte no sistema *Erva XX*. No resumo presente no site da Embrapa Florestas, sobre a publicação “*Erva 20: Sistema de produção para erva-mate*”, consta:

Ciente da importância da cultura ervateira a Embrapa Florestas disponibiliza por meio desta publicação, informações, procedimentos e métodos objetivos e qualificados sobre o processo produtivo da erva-mate, que fazem ou fizeram parte dos programas de pesquisa exclusivos da instituição ou em parceria com Universidades, Organizações Estaduais de Pesquisa e Extensão Rural, produtores e empresas do setor ervateiro. As soluções tecnológicas descritas a seguir foram validadas em campo e são passíveis de serem adotadas pelos produtores, permitindo o desenvolvimento de sistemas sustentáveis de produção e possibilitando o atendimento das expectativas do setor, podendo, também, servir de estímulo ao desenvolvimento tecnológico do agronegócio ervateiro (PENTEADO & GOULART, 2019, p. 06).

Apesar de usar o termo “sustentável”, o foco está em atender expectativas do mercado e expandir o agronegócio. Trata-se de uma sustentabilidade parcial, desconectada dos pilares sociais e culturais. O modelo se apresenta como uma “receita pronta”, muitas vezes sem considerar o contexto socioambiental e os saberes locais. Com isso, há uma tendência de deslocar o protagonismo dos agricultores tradicionais e apagar as práticas de manejo ecológico já existentes — as quais, de fato, sustentaram a produção de erva-mate por séculos.

Em síntese, o que diferencia um sistema do outro não é apenas o modo de plantar, mas sobretudo a forma de se relacionar com a natureza, o tempo, o trabalho e o conhecimento. O sistema agroecológico compreende que a erva-mate faz parte de um ciclo de vida que inclui a floresta, as pessoas e a história do território. Já o sistema produtivista tende a fragmentar essa totalidade, convertendo a planta em um insumo produtivo desconectado de seu contexto ecológico e sociocultural.

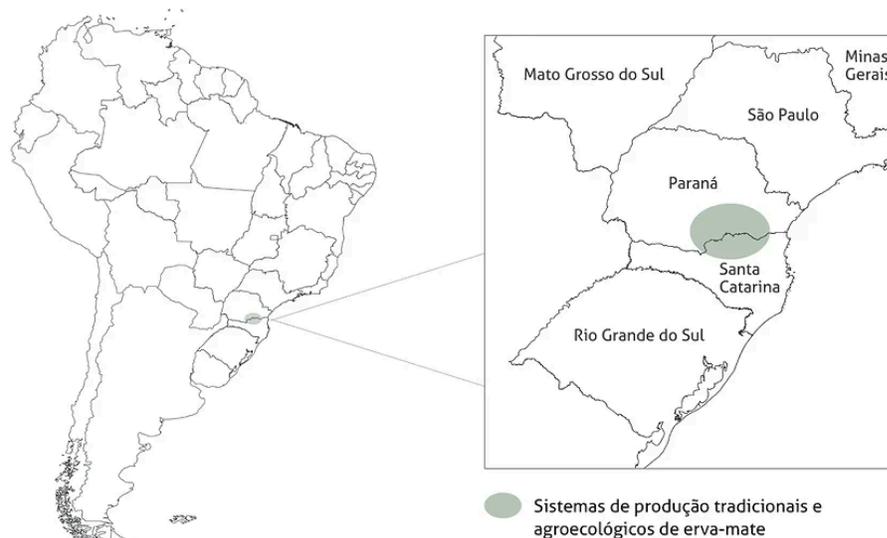
Assim, a disputa entre os dois modelos é, também, uma disputa por narrativas, por reconhecimento e por futuro: qual projeto de sociedade queremos cultivar com a erva-mate?

### 2.3. Os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate

Nos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate, as florestas são manejadas sob diferentes formas, naturalmente tendo a disseminação, o manejo e a produção de erva-mate. Diferentes sistemas de produção foram desenvolvidos, como os faxinais no Paraná, que são o enfoque da pesquisa, e as caívas, em Santa Catarina.

Na figura abaixo é possível visualizar a concentração desses sistemas nessa região específica, evidenciando a significativa contribuição dessas práticas agrícolas para a sustentabilidade e conservação ambiental da área manejada:

Figura 8 - Mapa dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate no Brasil.



Fonte: CEDERVA, 2020.

Hoje, vários tipos de ervais são encontrados nas propriedades da agricultura familiar. Os sistemas tradicionais e agroecológicos ajudam a manter a história e a cultura da agricultura familiar e das comunidades tradicionais, valorizando a identidade regional. Segundo estudos expostos pelo Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de Erva-mate (CEDERVA, 2020), dentre as oportunidades que esse modelo de sustentabilidade gera, estão:

- a diversificação da produção e a promoção da segurança alimentar nas propriedades familiares;

- a produção ecológica que valoriza os serviços ambientais e com potencial de adaptação às mudanças climáticas;
- e a criação de alternativas econômicas, cruciais para manter os jovens no campo, evitando o êxodo rural<sup>5</sup>.

#### 2.4. Do mutirão à organização

A cultura da erva-mate tradicional e agroecológica mantém suas raízes através da sucessão familiar, da troca de saberes nas rodas de prosa<sup>6</sup>, enquanto o chimarrão<sup>7</sup> passa entre cada uma das mãos que o plantam e consomem. No passado, a prática de mutirões<sup>8</sup> era constante, e a comunicação perpassa o ambiente familiar nestes momentos, em que as comunidades se juntavam para trabalhar e faziam as trocas de conhecimentos populares que desenvolviam em seus ervais para os demais.

A história dos sistemas tradicionais e as ações voltadas à agroecologia estavam intrinsecamente ligadas desde o início. Em 1993, a Assessoria e Serviços Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) estabeleceu-se na região com o objetivo de fornecer assessoria técnica para organizações de agricultores familiares, incentivando, entre outras ações, a conservação das sementes crioulas (AS-PTA, 2019). Um marco histórico para o movimento foi o 1º Congresso de Agroecologia, realizado em 1995. Esse evento reforçou o surgimento do Fórum das Organizações de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Centro-Sul do Paraná, uma organização informal composta por agricultores(as), associações e sindicatos voltados para a agricultura familiar. Entre 1995 e 2004, o Fórum desenvolveu e defendeu um projeto de desenvolvimento rural pautado nos princípios da agroecologia, promovendo práticas sustentáveis na região.

Em 1995, o Fórum deu início a um grupo de discussão sobre manejo agroflorestal regenerativo nos municípios de Bituruna (Figura 9) e São Mateus do Sul, focado na sucessão vegetal e envolvendo cerca de 15 famílias. Essa iniciativa marcou

---

<sup>5</sup> O termo é usado, por Silva (2014), para descrever a saída de populações camponesas para as cidades, ou seja, a saída de moradores das áreas rurais para as áreas urbanas.

<sup>6</sup> Encontro informal em que as pessoas se reúnem para conversar, trocar histórias, experiências e conhecimentos;

<sup>7</sup> O chimarrão é uma bebida tradicional feita a partir da infusão de folhas de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) moídas, consumida quente e servida em uma cuia.

<sup>8</sup> Atividade coletiva em que um grupo de pessoas se reúne para realizar uma tarefa em benefício comum ou de alguém da comunidade.

a sistematização das experiências dos agricultores, tornando-as mais visíveis e proporcionando uma base de conhecimento compartilhado (NIMMO et al; 2023, p. 04).

Figura 9 - Serras do interior do município de Bituruna, Paraná.



Fonte: A autora.

Documentos como os relatórios de atividades da AS-PTA são fundamentais para entender a estrutura e o funcionamento dessas ações. Em um relatório de 1998, destaca-se o progresso do programa de agroflorestas, que visava aprimorar o monitoramento técnico das áreas experimentais e desenvolver ações de formação. Nessa época, agricultores locais começaram a buscar mercados diferenciados para a comercialização da erva-mate beneficiada em suas próprias unidades. Unidades de beneficiamento foram implantadas nas comunidades de Iratinzinho, Emboque e Terra Vermelha, apoiadas pelo Projeto Demonstrativo A (PD/A) do Ministério do Meio Ambiente, com previsão de funcionamento completo na safra de 1999. Esse esforço incluiu, ainda, um encontro sobre manejo florestal sustentável da erva-mate, promovendo a troca de conhecimentos técnicos e metodológicos entre agricultores e

técnicos da região sul do Brasil. Outra ação significativa do Fórum foi o programa de fitoterapia, que alcançou cerca de 10 mil famílias e incentivou o uso de plantas nativas para fins terapêuticos, possibilitando novas fontes de renda para os agricultores familiares e promovendo uma ampla participação das mulheres agricultoras (AS-PTA, 1998, p. 07). O ano também foi marcado pela criação da unidade de beneficiamento de erva-mate na comunidade do Iratinzinho, localizada no município de Bituruna, Paraná: a Associação A Feira (Associação das Famílias Ecologistas do Iratinzinho, Bituruna-PR).

Em 1999, o programa de agroflorestas intensificou suas atividades, promovendo intercâmbio entre 15 famílias e realizando dias de campo em áreas de experimentação. A implementação das unidades comunitárias de beneficiamento da erva-mate nas comunidades de Iratinzinho e Terra Vermelha avançou, e a unidade de Emboque foi concluída parcialmente, com previsão de operação total na safra de 2000. Essas unidades incentivaram as comunidades a explorar o mercado da erva-mate, gerando motivação para intercâmbios com outras iniciativas semelhantes, como a Cooperativa dos Pequenos Produtores de Erva Mate, no Rio Grande do Sul, e o Centro Ecológico de Torres. Além disso, foi firmada uma parceria técnica com o Herbário da Universidade Estadual de Londrina para a coleta e identificação de plantas nativas. O programa regional de saúde pública, implementado pelo Fórum, reforçou essas ações ao utilizar plantas medicinais nativas, beneficiando mais de 10 mil famílias e gerando um impacto financeiro positivo para a agricultura familiar (AS-PTA, 1999, p. 17).

Segundo o Relatório de Atividades de 2000 da AS-PTA, o Programa Paraná intensificou substancialmente sua capacidade de disseminação, tanto em termos políticos quanto técnicos. As realizações da Romaria da Terra e da 1ª Romaria da Juventude Rural, no ano anterior (1999), foram marcos relevantes no exercício de planejamento e mobilização coletiva para lideranças sindicais e comunitárias, ampliando o alcance territorial e o envolvimento de famílias nas ações de promoção da agroecologia na região. Aproveitando os avanços desse período, a AS-PTA e o Fórum Regional, em parceria com a Diocese de União da Vitória, organizaram e executaram o Jubileu da Agricultura Familiar, evento que mobilizou diretamente mais de 18 mil participantes, em sua maioria provenientes de comunidades rurais. O Jubileu

possibilitou um extenso debate sobre os desafios e o papel da agricultura familiar na região, bem como a aplicação prática de abordagens técnicas agroecológicas.

As atividades promovidas pelo Jubileu impulsionaram o desenvolvimento de lideranças locais e exigiram uma mobilização significativa das organizações comunitárias, destacando-se como um valioso exercício de organização e validação das metodologias participativas aplicadas na região. Esse processo de formação foi amplamente apoiado por publicações e produções audiovisuais que abordavam questões centrais para a agricultura familiar, incluindo debates críticos sobre o uso de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados. (AS-PTA, 2000, p. 12).

No presente cenário, existem muitas pesquisas sobre os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos pelo antigo Iapar (Instituto Agrônomo do Paraná), agora IDR (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná), Embrapa Florestas e universidades, como a UFSC (Universidade Federal De Santa Catarina), UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e entre outros, e pesquisadores. Dentre estes, temos, por exemplo, o Projeto Araucá2, que é uma iniciativa voltada ao estudo e aprimoramento dos sistemas de produção agroecológicos e tradicionais, especificamente relacionados ao cultivo de erva-mate. Abaixo segue um trecho de uma versão simplificada, mas mais detalhada do projeto, que tem como objetivo fazer uma devolutiva de “prestação de contas” aos agricultores familiares e suas organizações que contribuíram para a realização deste trabalho:

Se busca por sistemas de cultivo que incrementem a qualidade do solo, mantendo o estoque de carbono e favorecendo a atividade biológica e conseqüentemente, melhorando a ciclagem de nutrientes, é de interesse avaliar os sistemas de cultivos tradicionais de erva-mate. Para contribuir com o avanço do conhecimento sobre a qualidade do solo desses sistemas, foi realizado um estudo de caso em propriedades de agricultores familiares, com os objetivos de caracterizar os atributos dos solos, selecionar indicadores eficientes e avaliar a qualidade do solo, em quatro sistemas de produção. (PEIXOTO, 2023, p. 11).

Abaixo, destacam-se os principais aspectos analisados e os contextos dos sistemas de produção avaliados, que contemplaram diferentes abordagens no cultivo da erva-mate, analisados pelo Projeto Araucá2:

Foram avaliados atributos químicos (fertilidade, carbono e nitrogênio totais), físicos (densidade do solo e granulometria), microbiológicos (carbono da biomassa microbiana, respiração basal do solo, atividade das enzimas Beta-glucosidase e urease, e atividade microbiana - FDA), e biológicos (densidade, biomassa, riqueza total, biomassa relativa, e densidade ou abundância relativa de minhocas) do solo, além da produção e estoque de nutrientes da serapilheira. Os sistemas de produção compreenderam duas propriedades

em sistemas agroflorestais de erva-mate sombreada (SAF-A e SAF-B), uma em sistema agroflorestal integrado com uso de gado (Caíva) e uma em sistema de monocultivo (Pleno Sol) no Município de Bituruna, PR. (PEIXOTO, 2023, p. 11).

Outro exemplo de disseminação dos conhecimentos e práticas do sistema agroflorestal de erva-mate tradicional e agroecológica é a tese “As paisagens do mate e a conservação socioambiental: Um estudo junto aos agricultores familiares do planalto norte catarinense” do Dr. Anésio da Cunha Marques. Na dedicatória da mesma consta:

Aos agricultores do Planalto Norte Catarinense e região Centro-sul do Paraná, principais regiões produtoras de erva-mate nativa do continente, que apesar de muitos ventos contrários, persistem, manejando seus ervais e conservando a floresta e suas tradições, produzindo – verdadeiramente – um mate de qualidade superior, repleto de significados. (CUNHA, 2014, p. 05).

Um projeto desenvolvido entre universidades, juntamente com Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de Erva-mate (CEDERVA, 2020), consistia em resgatar a história oral dos erveiros e erveiras, intitulado “Conhecimento, memória e história: uma visão transdisciplinar sobre os sistemas tradicionais e agroecológicos de erva-mate”, produzido por Evelyn Roberta Nimmo, CEDERVA; Alessandra Izabel de Carvalho, Universidade Estadual de Ponta Grossa; Robson Laverdi, Universidade Estadual de Ponta Grossa; Andre Eduardo Biscaia de Lacerda. Os pesquisadores realizaram o projeto

(...) para trazer uma nova visão, metodologias e bases teóricas para apreender a interseção existente entre o conhecimento ecológico tradicional, memórias e sentimentos dos agentes envolvidos no processo e a sustentabilidade dos sistemas de produção de erva-mate na Floresta com Araucária. Neste documento é apresentada uma metodologia participativa que visa atender a meta de valorizar o conhecimento dos agricultores, em especial a manutenção e valorização dos conhecimentos relativos aos sistemas tradicionais de erva-mate que, ao manter práticas sustentáveis de produção, são diretamente responsáveis pela manutenção de serviços ambientais de alta qualidade (NIMMO et al, 2022, p 07).

O estudo também aborda a preservação de suas culturas, memórias e histórias como manutenção dos recursos naturais. Abaixo, apresenta-se um trecho que sintetiza esses objetivos:

Ainda, o estudo objetiva disseminar as culturas, memórias e histórias atreladas a tais comunidades, com atenção às vozes dos jovens e mulheres. O documento discute ainda como alavancar o conhecimento local e como as ações participativas e solidárias podem informar e fomentar políticas e práticas que apoiam a manutenção dos recursos naturais na região (NIMMO et al, 2022, p 07).

Seguindo os acontecimentos e conquistas para o sistema, no dia 17 de outubro de 2019, foi assinado o termo de cooperação entre o Ministério Público do Trabalho no

Paraná (MPT-PR) e o Fórum Estadual de Combate ao Uso de Agrotóxicos e Controle do Tabaco no Paraná, para a criação e implementação do Observatório dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos da Erva-mate. O evento ocorreu no auditório da Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região (PRT9), em Curitiba. Os principais objetivos do Observatório da Erva-mate são fomentar os sistemas tradicionais e agroecológicos de produção de erva-mate, promover a marca coletiva "erva-mate agroecológica", incentivar a organização dos agricultores familiares em associações e cooperativas rurais solidárias, contribuir para a construção de um marco legal favorável à produção da erva-mate em sistemas tradicionais e agroflorestais, estimular políticas públicas que garantam o pagamento de serviços ambientais em sistemas tradicionais e agroecológicos de produção de erva-mate, elaborar propostas legislativas com foco no manejo sustentável e fomentar a realização de pesquisas, estudos, publicações e conteúdos pedagógicos (MPT-PR, 2019).

O Termo de Cooperação Técnica foi assinado pelo CEDERVA, Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, Instituto Água e Terra, Embrapa Florestas, Ministério Público do Trabalho no Paraná, UEPG, FETRAF-PR, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de União da Vitória, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar de Bituruna, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rebouças, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Triunfo, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Mateus do Sul, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmeira, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Azul, Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Pinhão e região, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cruz Machado, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teixeira Soares, Centro de Estudos e Assessoria ao Desenvolvimento Sustentável e Solidário – CEASOL, Associação Paranaense das vítimas expostas ao amianto e aos agrotóxicos – APREAA, Associação dos Agricultores Experimentadores em Agroecologia no Bioma de Floresta de Araucária – ECOARAUCÁRIA, Conselho Gestor da APA da Serra da Esperança, Instituto os Guardiões da Natureza, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Município de Tunas do Paraná, Município de Prudentópolis, Município de Colombo, Município de Bocaiuva do Sul, Ervateira Kosloski e Silva, Guayaki Yerba Mate Produção e Comércio LTDA e a Associação ASSIS.

Em dezembro de 2021, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no Brasil realizou uma missão para avaliar a candidatura da produção tradicional de erva-mate no Paraná como um dos Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM). O sistema de produção de erva-mate na região Centro-Sul e Sudeste do Paraná, liderado pela família Vergopolem e envolvendo aproximadamente 7 mil agricultores e agricultoras familiares, combina a atividade agrícola com a preservação de tradições, a valorização social, os saberes e técnicas populares, além da conservação do meio ambiente. A FAO reconhece atualmente 62 sistemas agrícolas em 22 países como Patrimônio Agrícola Mundial, sendo apenas quatro na América Latina.

Em 2025, no contexto das comemorações dos 80 anos da FAO e da preparação para a COP 30 em Belém (PA), o sistema foi oficialmente reconhecido, sob o título de: “Erva-mate sombreada: um sistema agroflorestal tradicional na Floresta com Araucária do Paraná, Brasil”. Tornou-se a segunda iniciativa brasileira reconhecida pelo programa SIPAM, sendo a primeira o sistema tradicional das comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas na Serra do Espinhaço, em Minas Gerais (FAO, 2021).

Em 2024, iniciou-se discussões sobre Carbono Social, buscando integrar os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate à economia de baixo carbono, reconhecendo e remunerando os serviços ambientais prestados pelos agricultores familiares. Em uma reunião realizada no MDA em agosto de 2024, representantes da Equipe de Conservação da Amazônia (ECAM) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) – da qual eu também estava presente, representando as erveiras e erveiros –, destacaram que o projeto-piloto visa adaptar metodologias de crédito de carbono, tradicionalmente voltadas para grandes indústrias, à realidade da agricultura familiar brasileira. A abordagem não se limita à geração de créditos de carbono, mas também ao fortalecimento da resiliência dos agricultores frente às mudanças climáticas, promovendo um desenvolvimento sustentável e inclusivo. O protocolo já está sendo implementado em outros países, como o Congo e a Colômbia, com maior avanço no Brasil, e visa, por meio de políticas públicas e iniciativas participativas, reconhecer a importância dos métodos tradicionais de produção para a

sustentabilidade dos ecossistemas, como os utilizados pelos produtores de erva-mate no Paraná (ERVAMATE.ORG, 2024).

Desde sua fundação em 2005, a ECOARAUCÁRIA - Associação dos Agricultores Familiares, Difusores e Experimentadores em Agroecologia do Bioma da Floresta com Araucária tem sido um pilar no fortalecimento da agricultura familiar, com foco na valorização da produção de erva-mate e na implementação de processos sustentáveis. Em 1998, a comunidade de Iratinzinho, no município de Bituruna, teve a construção da unidade de beneficiamento de erva-mate, um marco para o desenvolvimento local, onde a Associação das Famílias Ecologistas do Iratinzinho (A Feira) criou a marca “Sombra dos Pinheirais” para o processamento da erva-mate, mas o projeto não prosperou. Recentemente, a proposta da agroindústria para o processamento de erva-mate dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos foi apresentada em Paulo Frontin, Paraná, em junho de 2024, pela ECOARAUCÁRIA, com apoio de diversas entidades (ERVAMATE.ORG, 2024).

### **3. A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO VOZ DA NATUREZA**

Neste capítulo, iniciaremos uma reflexão teórica sobre a imagem fotográfica como linguagem, explorando os motivos para sua escolha como meio de expressão e comunicação neste projeto criativo.

A fotografia oferece uma experiência singular, que captura e comunica a essência visual da floresta de erva-mate e araucária. Diferente do vídeo, que envolve o dinamismo temporal, ou do texto, que demanda a criação da imagem na mente, a fotografia permite uma interação íntima e contemplativa, de uma forma diferente de outras linguagens, evocando o silêncio e a permanência. Ao adentrar a floresta, somos envolvidos por nuances visuais e camadas de luz que somente a fotografia pode imortalizar de forma direta e acessível. Ela possibilita que o observador escolha a duração do tempo para apreciar uma imagem, assim como fazemos ao contemplar a natureza, captando fragmentos que podem ser revisitados.

Além de discutir formal e narrativamente as escolhas realizadas, aprofundaremos a análise nos aspectos fenomenológicos do diálogo entre o fotógrafo, o observado e os sujeitos retratados. Utilizaremos autores como Marilena Chaui, Stuart Hall, Michel Foucault e Philippe Dubois e entre outros, para compreender a fotografia como fenômeno social, cultural e comunicativo. Este percurso teórico nos permitirá explorar a imagem sob a perspectiva de quem a produz, enquanto a linguagem carregada de significados e intencionalidades flui levemente.

#### **3.1. A linguagem visual como meio de expressão e de comunicação**

O olhar humano, que frequentemente consideramos um simples sentido sensorial, revela-se nas reflexões de Marilena Chaui, como um elemento profundo na formação do entendimento do mundo e da própria identidade. No texto "*Janela da Alma, Espelho do Mundo*" (2020), Chaui explora o papel da visão não apenas como função biológica, mas como metáfora carregada de valores culturais e filosóficos. Para ela, o olhar transcende a mera captação de imagens e está impregnado de significados simbólicos que formam a percepção humana.

A visão humana envolve uma "relação entre ver e compreender" que influencia profundamente a forma como interpretamos o mundo e nós mesmos (CHAUI, 2020, p.

12). A autora também examina como, em expressões cotidianas, como "amor à primeira vista" ou "mau olhado", atribuímos aos olhos uma função simbólica que permeia a cultura ocidental, associando o 'poder de ver' ao 'poder de conhecer' e compreender algo. Segundo a autora, essa relação é evidenciada nas expressões populares "ponto de vista" e "perspectiva", que denotam a visão como interpretativa e subjetiva.

A fotografia, enquanto meio de expressão e de comunicação, pode ser compreendida a partir das reflexões sobre o papel da linguagem na construção e na circulação de significados. Conforme observa Stuart Hall (2016), a linguagem é um sistema representacional que permite a comunicação de ideias e sentimentos entre os indivíduos, utilizando signos e símbolos diversos – como sons, palavras, imagens, e até mesmo objetos – para transmitir conceitos e expressões culturais. Dessa forma, a linguagem "é um dos meios através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura" (HALL, 2016, p. 18).

Ao produzir e compartilhar significados, a linguagem sustenta o diálogo entre os participantes, criando uma cultura de significados compartilhados que possibilita uma interpretação semelhante do mundo. Esse processo é essencial à produção cultural, pois, ao permitir que ideias sejam representadas e comunicadas, constroi pontes de entendimento coletivo. A fotografia, nesse contexto, opera como um dos "objetos culturais" que produzem sentido ao ser consumida, apropriada e integrada nas práticas e rituais do cotidiano (HALL, 2016, p. 22). Assim como outros objetos de cultura, a fotografia carrega narrativas e valores que refletem e moldam a sociedade na qual está inserida.

A Cultura, como define Hall, é um conceito complexo, englobando tanto a "alta cultura" – associada às grandes obras artísticas e intelectuais – quanto a "cultura de massa", mais presente na vida cotidiana e acessível ao grande público (HALL, 2016, p. 19). A fotografia, ao captar e representar momentos, pessoas e ambientes, atua como um reflexo dessa diversidade cultural.

Além disso, Hall observa que o sentido é continuamente construído e compartilhado em cada interação social, sendo também transmitido por meios de comunicação de massa e sistemas globais de tecnologia, que ampliam a circulação de

significados entre culturas com uma velocidade nunca antes vista (HALL, 2016, p. 22). A fotografia, assim, transcende fronteiras e gera conexões culturais, permitindo que significados se renovem constantemente ao serem reinterpretados por diferentes públicos e em distintos contextos culturais.

Para compreender a fotografia como meio de expressão e comunicação, é essencial explorar o papel do discurso e da Semiótica na construção de significados. Stuart Hall (2016) destaca que Michel Foucault, ao investigar a produção do conhecimento, desloca o foco da linguagem para o discurso, compreendendo-o como um sistema de representação que molda e regula o modo como certos objetos de conhecimento são percebidos e interpretados em diferentes períodos históricos. Essa abordagem de Foucault dialoga com a Semiótica ao considerar que o significado não está inerente ao objeto em si, mas é produzido e negociado no interior do discurso. Por "discurso", Foucault entende

um grupo de pronunciamentos que proporciona uma linguagem para falar sobre um tópico particular ou um momento histórico - uma forma de representar o conhecimento sobre tais temas. [...] O discurso tem a ver com a produção do sentido pela linguagem. Contudo, uma vez que todas as práticas sociais implicam sentido, e sentidos definem e influenciam o que fazemos - nossa conduta - todas as práticas têm um aspecto discursivo (FOUCAULT apud HALL, 1992: 291).

Esse conceito é particularmente relevante para a análise fotográfica, já que, na fotografia, o significado de uma imagem não é apenas o que ela aparenta mostrar, mas o que é permitido e limitado pelos discursos sociais e culturais que a cercam. Como observa Hall, "o discurso produz os objetos do conhecimento" e nada com significado existe fora dele (HALL, 2016, p. 81). Na fotografia, isso significa que a imagem é moldada tanto pelo que ela representa visualmente quanto pelo discurso cultural que define e regula como ela será entendida.

Nessa relação da fotografia com as práticas culturais, especialmente quando falamos em representar fatos da realidade, como no fotojornalismo, uma questão sempre presente é a da relação da imagem fotográfica com a realidade. Seria a fotografia um espelho sem filtros do real? Ou seria ela apenas uma abstração sem conexão com ele? Segundo Philippe Dubois (2012), existem três linhas de pensamento dentro da perspectiva histórica dos "críticos e teóricos da fotografia quanto a esse

princípio de realidade, próprio à relação da imagem fotoquímica com seu referente”, a primeira seria:

1) a fotografia como espelho do real (o discurso da mimese). O efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuído à semelhança existente entre a foto e seu referente. De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um "*analogon*" objetivo do real. Parece mimética por essência. (DUBOIS, 2012, p. 26).

Já a segunda crítica ao conceito do "espelho fotográfico" levou ao entendimento de que a imagem fotográfica não é uma reprodução neutra. Segue Dubois:

2) a fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução). Logo se manifestou uma reação contra esse ilusionismo do espelho fotográfico. O princípio de realidade foi então designado como pura "impressão", um simples "efeito". Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada. (DUBOIS, 2012, p. 27).

Mesmo com a crítica semiológica e ideológica que questiona a impressão de realidade, a imagem fotográfica ainda conserva um vínculo com o "referente" — aquilo que ela representa como um indício do real. Para isso Dubois cita o terceiro meio de interpretação da fotografia:

3) a fotografia como traço de um real (o discurso do índice e da referência). Por mais útil e necessário que tenha sido, esse movimento de desconstrução (semiológica) e de denúncia (ideológica) da impressão de realidade deixa-nos contudo um tanto insatisfeitos. Algo de singular, que a diferencia dos outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para a sua elaboração. Na foto, diz R. Barthes em *La chambre claire* [A câmara clara], "o referente adere" em direção a tudo e contra tudo. Dual da imagem fotográfica, 1 se pode então que . Decorrido de atribuição, por meio do qual se remete inevitavelmente a imagem a seu referente. Deve-se, portanto, prosseguir a análise, ir além da simples denúncia do "efeito de real": deve-se interrogar segundo outros termos a ontologia da imagem fotográfica (DUBOIS, 2012, p. 27).

No presente trabalho, acreditamos que “abordar a questão do realismo em foto marca um certo retorno ao referente, mas livre da obsessão do que Dubois chama de “ilusionismo mimético” (DUBOIS, 2012), ou seja, na fotografia como traço de um real (o discurso do índice e da referência). E como foi dito por Dubois (2012), essa referencialização da fotografia inscreve o meio no campo de uma ligação irreduzível: a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é em

primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo). Dubois argumenta em defesa dessa qualidade indicial da imagem:

o que se destaca é finalmente a dimensão essencialmente pragmática da fotografia (por oposição à semântica): está na lógica dessas concepções considerar que as fotografias propriamente ditas quase não têm significação nelas mesmas: seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação (cf. os dêiticos e "shifters" em linguística). Aliás, não é por esse motivo que Barthes não nos mostra a foto de sua mãe ainda criança no Jardim de Inverno, foto que motiva toda *La chambre claire*, mas que, para nossos olhos de leitores anônimos, não teria literalmente qualquer sentido? Essa observação faz com que compreendamos que a lógica do índice que hoje assinalamos no centro da mensagem fotográfica utiliza plenamente a distinção entre sentido e existência: a foto-índice afirma a nossos olhos a existência do que ela representa (o "isso foi" de Barthes), mas nada nos diz sobre o sentido dessa representação; (DUBOIS, 2012, p. 45).

E isso nos distanciará, como aponta Dubois (2012, p. 45), dos discursos de mimese, mostrando que a fotografia não é uma mera imitação da realidade, mas uma construção mais complexa, cujos significados só são completamente compreendidos dentro de seu contexto de origem, pois

(...) ela não nos diz "isso que dizer aquilo". O referente é colocado pela foto como uma realidade empírica, mas "branca", se for possível se expressar assim: sua significação continua enigmática para nós, a não ser que sejamos participantes da situação de enunciação de onde a imagem provém. Como índice, a imagem fotográfica não teria outra semântica que não sua própria pragmática. É exatamente disso que se trata. Vemos que estamos muito longe, apesar do que certas más línguas querem nos fazer acreditar, que estamos quase nos antípodas hoje dos discursos da mimese (DUBOIS, 2012, p. 45).

Dentro destas discussões, entendemos, que para que uma fotografia consiga expressar plenamente a intensidade de seu tema, é fundamental que haja uma relação precisa entre conteúdo e forma. Para Cartier-Bresson (2010), a fotografia se conecta com o mundo por meio de um ritmo, que se reflete na maneira como o olhar humano seleciona e foca os elementos dentro da imensidão da realidade. A câmera, por sua vez, apenas registra as escolhas feitas pela visão. A imagem resultante é então observada de maneira integral, assim como fazemos ao observar uma pintura, com um olhar global e imediato. Dessa forma, a composição não é apenas uma sobreposição de elementos, mas uma unidade que revela a indissociabilidade entre conteúdo e forma, uma construção de realidade a partir da realidade, um diálogo necessário entre a realidade referente e a realidade indicial da fotografia, sendo impossível separá-las.

Segundo Bresson (2010) o olhar do fotógrafo está em constante avaliação do ambiente, em busca do momento exato em que formas e linhas se alinham de maneira

significativa. Um pequeno movimento da cabeça pode modificar a perspectiva, e um ajuste na distância da câmera pode realçar ou suavizar um detalhe. Muitas vezes, a composição ocorre de maneira intuitiva, no mesmo ritmo com que o fotógrafo pressiona o disparador. Em algumas situações, o fotógrafo aguarda pacientemente por uma coincidência, por uma condição que complemente a cena. Às vezes, ele percebe que falta algo, até que, por acaso, o elemento ausente surge — como, por exemplo, uma pessoa que entra no campo de visão. Nesse momento é então capturado, e, ao analisar a fotografia, percebe-se que a composição, aparentemente espontânea, possui uma estrutura geométrica essencial, que não só assegura a forma, mas também a energia da imagem.

Acredito que, no ato de viver, a descoberta de nós mesmos se faz concomitantemente com a descoberta do mundo que nos cerca; do mundo que pode modelar-nos, mas também pode ser por nós afetado. Deve-se estabelecer um equilíbrio entre esses dois mundos - o que está dentro de nós, e o que está fora. Em consequência de um processo recíproco constante, esses dois mundos acabam formando um único. E é neste mundo que devemos nos comunicar. 10 Mas isso abrange apenas o conteúdo da foto. Para mim, o conteúdo não pode ser separado da forma. Por forma quero dizer uma organização rigorosa da inter-relação de linhas, superfícies e valores. É apenas nesta organização que nossas concepções e emoções se tornam concretas e comunicáveis. E, fotografia, a organização visual só pode se originar de um instinto altamente aperfeiçoado (CARTIER-BRESSON, 2010, p. 09-10).

### **3.2. O registro imagético e a preocupação com o meio ambiente**

As questões socioambientais representam uma preocupação das sociedades contemporâneas. Em realidade, estamos experimentando um modelo de desenvolvimento que tem se mostrado ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto (ZIBETTI, 2006). E a fotografia desempenha um papel importante nesse contexto, não apenas como meio de informação e documentação visual, mas também como uma oportunidade de utilizar essas imagens para promover mudanças de comportamento nas civilizações.

Maria Short, em seu livro “Contexto e narrativa em fotografia” fala sobre as potencialidades que a fotografia tem:

Fotografias podem dar forma a lembranças e guardá-las. Podem influenciar na descoberta de nossa identidade e em nosso relacionamento com os outros. Fotografias podem compartilhar ideias, conceitos e crenças. Podem distorcer a verdade e a realidade, podem ser obras com carga política altamente subjetiva, podem ser criadas e usadas de forma responsável ou irresponsável. Assim como em muitas outras áreas da

comunicação, fotografias podem ser o reflexo das crenças e ideais e da dignidade e da integridade de um indivíduo ou de um grupo (SHORT, 2013, p.6)

Conforme mencionado por Gomes (1996), a imagem fotográfica tem o poder de registrar experiências, provocar novas percepções e imortalizar os fatos e espaços capturados. A fotografia contextualiza essas experiências, permitindo que sejam revividas e compartilhadas ao longo do tempo. Ela oferece uma oportunidade de trabalhar a percepção ambiental por meio da sensibilização, despertando a consciência sobre os problemas ambientais. Leite (1993, p. 23) afirma que os “[...] sinais de vida congelados numa fotografia são índices do mundo do passado que se busca compreender e podem se transformar em testemunho de uma realidade a ser construída”.

Através do estudo “*A questão ambiental e a imagem fotográfica: uma articulação possível à sensibilização ambiental*”, realizado a partir de uma pesquisa do tipo qualitativa de cunho fenomenológico das opiniões e impressões de alunos após observarem as imagens fotográficas exibidas a eles por Bianca Antonio Gomes e Fátima Elizabeti Marcomin, elas expressam que

[...] observamos que é possível despertar algum interesse/sensação ou alguma mudança e que a fotografia é capaz de influenciar essa transformação, tornando-se, assim, um potencial instrumento/veículo/mecanismo é uma alternativa viável em/para/na educação ambiental (GOMES e MARCOMIN, 2016, p. 19).

E embora a fotografia seja um recurso didático pouco utilizado (JUSTO, 2003), entendemos que ela favorece questionamentos a respeito, por exemplo, das causas das modificações nas paisagens, assim como a percepção de que todos nós estamos inseridos na problemática ambiental (FREIRE, 2001). E embora o termo "cuidado" não seja explicitamente mencionado pelos sujeitos ao abordarem o potencial sensibilizador da fotografia, percebe-se uma estreita relação entre sensibilizar e o próprio conceito de cuidado (GUIMARÃES, 2004).

### **3.3. A fotografia da natureza**

A fotografia participa, desde o século XIX, das diversas representações da natureza e, de alguma forma, reitera a tradição instituída pela pintura, na medida em que preserva muito dos seus padrões de operação.

A fotografia de paisagem herdou em grande medida as convenções de composição da pintura de paisagem. Em geral, fotografias de paisagem são retângulos laterais – e não é

apenas acidente que o “formato paisagem” é usado para descrever fotografias onde a largura é maior do que a altura. Do ponto de vista da composição, a “regra de ouro” das proporções um terço/dois terços frequentemente é obedecido, assim como as regras da perspectiva. (Wells, 1998, p. 297).

Há muitos exemplos da presença da fotografia na constituição das várias dimensões da natureza (e, na mesma medida, a presença da natureza na definição do que é a fotografia). Em 1955, o fotógrafo de moda Richard Avedon, criou uma das imagens mais célebres já produzidas para o mundo fashion, ao fotografar, para a Maison Dior, a modelo Dovima, com um longo e belo vestido preto e branco à frente de um grupo de enormes elefantes – exacerbando o contraste entre a dimensão ‘selvagem’ e a ‘civilização’ (Figura 10). E “assim, como na obra de Avedon, a relação da fotografia com a natureza é híbrida ao articular memória e matéria na construção imaginária de paisagens e lembranças” (CUNHA FILHO e FARACHE, 2010, p.113).

Figura 10 - Dovima com elefantes.



Fonte: AVEDON, 1955.

E, de certa forma, pensar em fotografia de natureza é pensar também em ciência. E no entendimento de Santos, Souza Filho, Ribeiro e Freitas (2012) a fotografia

[...] se constitui ferramenta fundamental para o ensino de ciências, pois ela possibilita não somente enxergar a questão central de determinada imagem/situação, mas além dela, incorporando aspectos multidimensionais que caracterizam os objetos de estudos complexos, como as questões socioambientais. Ponderamos que no uso da fotografia construímos espaços de possibilidades, subjetividades, autoria, autonomia, conhecimentos, saberes e sensibilidades na leitura do mundo. Certamente, tais espaços constituem-se como perspectivas potencializadoras do processo de ensino e de aprendizagem (SANTOS et al.; 2012, p. 62).

A fotografia, também pode ser utilizada como uma poderosa ferramenta pedagógica, pois a mesma, como trago abaixo sob a linha de pensamento de Santos et al. (2012), pode atuar como um agente de mudança:

Na mesma linha, podemos referir que a mediação fotográfica, no âmbito do ensino de ciências, apresenta a possibilidade de inquietar, provocar, transformar os modos de aprender e de ensinar, notadamente no que diz respeito às questões socioambientais, de forma não reducionista e asséptica, imprescindíveis ao desvelamento do mundo. As apreensões mais alargadas das questões socioambientais, associadas aos valores relacionados ao pressuposto da sustentabilidade, contribuem para a qualidade social do ensino de ciências. No conjunto, avaliamos que tais aspectos são consonantes com a necessidade de renovação do ensino de ciências (SANTOS et al.; 2012, p. 62).

E na mesma sintonia com a proposta deste trabalho, na obra *Documentação fotográfica e pesquisas científicas* (2012), Milton Guran, destaca a utilização da fotografia como uma ferramenta essencial no processo de pesquisa, especialmente quando se trata de integrar diferentes linguagens.

A fotografia feita “para contar” é aquela que visa especificamente a integrar o discurso, a apresentação das conclusões da pesquisa, somando-se às demais imagens do corpus fotográfico e funcionando, sobretudo, na descrição e na interpretação dos fenômenos estudados (GURAN, 2012, p. 80-81).

No contexto da fotografia como meio de expressão e de construção de narrativas, Milton Guran, em *O olhar engajado: inclusão visual e cidadania* (2007), aprofunda-se na função social da fotografia, especialmente no que diz respeito à inclusão e ao exercício da cidadania. Guran propõe que a fotografia, enquanto linguagem visual, não apenas documenta, mas tem o poder de influenciar a percepção pública e coletiva, promovendo reflexões.

Para Guran, o olhar fotográfico engajado é capaz de transformar a percepção das realidades vividas por esses grupos, possibilitando uma maior inclusão e ampliação do campo da cidadania. Assim, a poética fotográfica, aliada à busca por um olhar sensível e artístico nas composições, possui o poder de despertar encantamento, provocar emoções e estabelecer conexões com quem observa as imagens. Além de

sua estética, esse entrelaçamento entre arte e prática fotográfica também atua como ferramenta de engajamento ambiental. A fotografia ambiental, nesse contexto, torna-se um meio de provocar transformações no modo como a natureza é percebida — estimulando reflexões sociais e políticas, mais do que meramente informando de forma superficial (BELMONTE, 2015).

Ao tocar subjetividades, a imagem revela-se não apenas como representação, mas como linguagem ativa que interpela e mobiliza afetos. Ela age como catalisadora de empatia, deslocando o observador de uma posição passiva para uma de envolvimento e responsabilidade. Nesse processo, a arte fotográfica sensibiliza para urgências ecológicas, construindo pontes entre o visível e o invisível, o racional e o sensível. É nesse campo de ressonâncias que o fotolivro ganha força: ele convoca o público não apenas a olhar, mas a sentir, pensar e agir.

O caráter ativista da fotografia pode ser exemplificado pela atuação de Araquém Alcântara, fotógrafo de natureza, brasileiro e reconhecido internacionalmente, com uma carreira que já soma 50 anos (Figura 11).

Figura 11 - Jovem Baniwa. Rio Içana, Amazonas.



Fonte: ALCÂNTRA, 2025.

Araquém se destaca por buscar compreender não apenas os efeitos, mas também as raízes e possíveis soluções para os desafios ecológicos: “[...]olha[r] além das consequências em busca das causas e soluções dos problemas ambientais” (BELMONTE, 2015, p. 68).

Essas reflexões nos conduzem até aqui, trazendo-nos diferentes caminhos possíveis: primeiro, à análise crítica da posição que os seres humanos ocupam nas relações desiguais com o meio ambiente; segundo, à urgência de superar os limites impostos pelas monoculturas do pensamento (SHIVA, 2003), valorizando saberes diversos, inclusive os modos de conhecimento não-rationais; e, por fim, à importância do imaginário coletivo, conforme destacado por Durand (1997), como horizonte capaz de fortalecer o compromisso com a preservação da vida e fomentar uma ética ecológica por meio da fotografia.

#### 4. NASCE O FOTOLIVRO ‘FLORES DE CAÁ-YARI – UMA JORNADA FOTOGRÁFICA ATRAVÉS DA ESSÊNCIA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO TRADICIONAIS E AGROECOLÓGICOS DE ERVA-MATE’<sup>9</sup>

Aflora por mim e em mim, a fotografia, o desejo pela ideia e, aos poucos, o fotolivro; como brotos que emergem da terra, guiados pelo tempo e pela coragem. Mas, e quando germinou? A resposta seria, que há um certo tempo atrás.

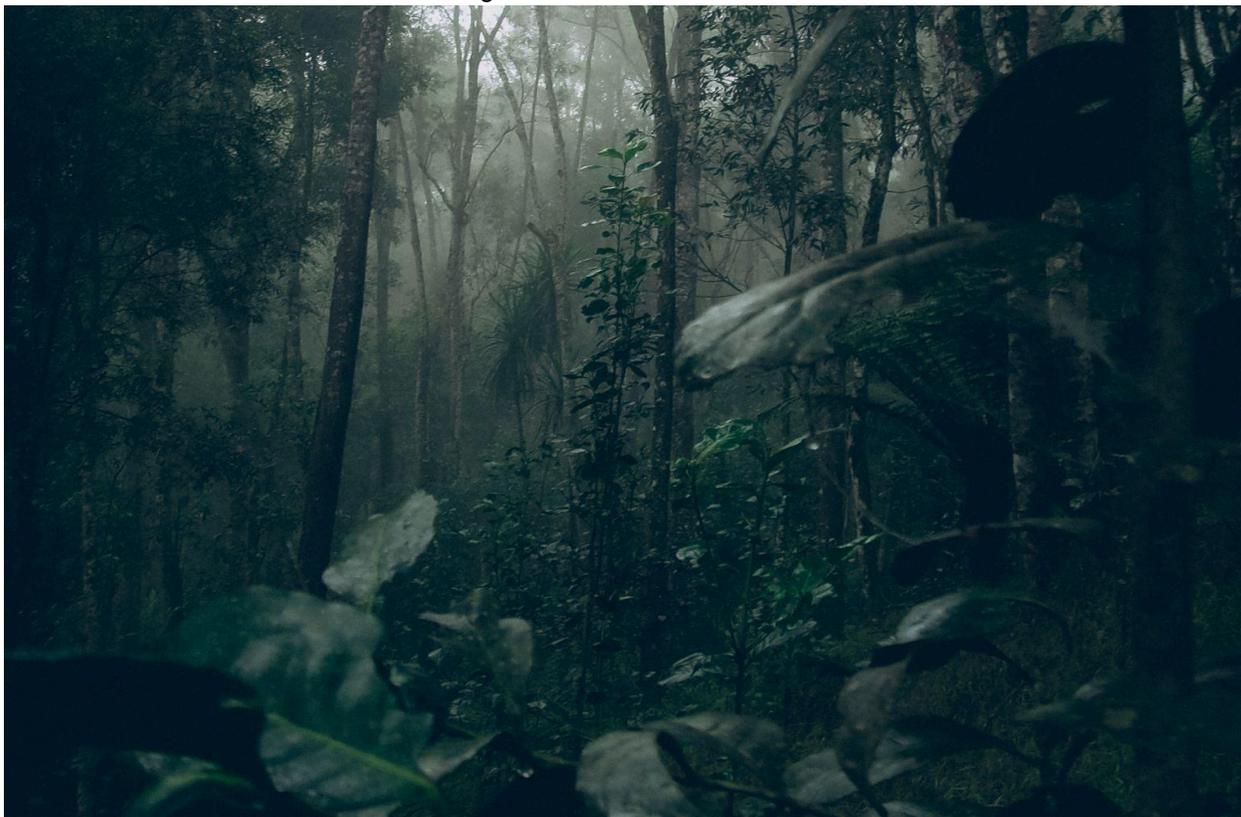
Certo dia, quando sigo o meu caminho para o estágio, acho que para meados de setembro de 2022. Naquele tempo, meu trabalho ficava no mesmo bairro da faculdade, o Juvevê. Ainda com alguns minutos de sobra, me sento à sombra de algumas árvores — uma castanheira ao canto e sob mim uma a qual não reconheço a espécie, certamente, por não ser nativa —, e aproveito para ligar para minha irmã, Jessi, ou em nome completo, Jessica Mara Vergopolem. Conversamos sobre o clima — um hábito que carrego comigo, legado do interior paranaense, junto com o “r” puxado, é claro. A conversa flui sobre o trabalho, os estudos, e, naturalmente, caminha à pergunta: qual será o tema e o formato do meu Trabalho de Conclusão de Curso? Bom, naquele momento não surgiu a resposta e essa dúvida me cercou, acompanhou meu ser inquietamente dali em diante. Mas, foi a partir deste dia, que se instalou em mim uma missão, um trabalho que carregaria muita honra, e como uma semente que germina aos poucos e, também aos poucos, nasce.

Desde o início, uma coisa era certa: eu queria falar sobre algo que florisse da minha própria terra, que brotasse das minhas raízes e refletisse a conexão profunda que tenho com a natureza que me inspira, forma e sustenta. Aos poucos isso foi criando vinco, e como se fosse inspirado – e realmente o é – no crescimento de *Caá-Yari* (Figura 12), foi emergindo a ideia de criar o fotolivro sobre os sistemas de produção em que minha família se baseia, o projeto criativo que hoje é intitulado: *“Flores de Caá-Yari — Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate”*, começou a brotar.

---

<sup>9</sup> Este capítulo será escrito em primeira pessoa para dar conta de todo processo de criação e desenvolvimento do projeto do fotolivro. Para além de uma jornada jornalística e fotográfica, trata-se também de uma exploração interior do tema, uma vez que a motivação para o trabalho está fundamentada em subjetividades e sensibilidades acumuladas desde a infância em relação ao mate.

Figura 12 - Erval sob névoa.



Fonte: A autora.

#### 4.1. Por que um fotolivro?

Aflora a criatividade e se amplia a dúvida... afinal, como traduzir minhas ideias de forma ampla e poética? Bom, talvez, a melhor maneira seja através de um fotolivro! Mas, e por que um fotolivro? Esse meio de criação e expressão que, ao tentarmos nomear ou definir, nos escapa como a névoa ao amanhecer? Com certeza, porque a fotografia sempre me cativou de um jeito visceral. Desde criança, adorava folhear álbuns, como se cada página fosse uma janela para memórias que ainda ressoam. Esse apreço persiste, e ao pensar em contar uma história tão intrinsecamente ligada ao meu ser, pareceu natural escolher um formato no qual as decisões fossem guiadas não só pela razão, mas que também se assimilassem e se inspirassem nesses sentimentos. E como comenta Ramos (2021):

Os fotolivros vêm sendo compreendidos como livros fotográficos temáticos, que contam e/ou mostram alguma coisa de cunho mais autoral. Funcionam como obras (no caso de artistas fotográficos) e/ou como projeto específico de um autor, produtor dele. São

autônomos, de vida própria, e não apêndices de exposições fotográficas, ou antologias, ou portfólios. Ultrapassam a questão meramente expositiva. São uma forma de expressão (RAMOS, 2021, p. 24)

Ao refletir sobre o processo de contar uma história pessoal e íntima, a escolha do formato de fotolivro se apresenta como uma forma natural e poderosa de integrar não apenas a razão, mas também os sentimentos e as vivências que permeiam essa minha narrativa. Como destaca Ramos (2021), eles

(...) portam mundos, realidades que acontecem ali dentro. Podem ser fonte de informação e de experiências. Em geral, a concepção, a materialidade e o formato dos fotolivros se dão em função não apenas do que se quer comunicar, mas também da própria comunicação, num entrelaçamento incessante. A produção deles acontece menos pela imposição de uma ideia, um discurso pronto, uma forma a uma matéria, do que pela prática de alinhar, de costurar relações de cooperação entre todos os elementos que o constituirão (RAMOS, 2021, p. 25)

Segundo Marina Feldhues Ramos, os fotolivros são objetos diversos em forma, temáticas e propostas, refletindo o olhar pessoal do fotógrafo e, dessa maneira, de difícil classificação. Ao mesmo tempo em que tenta sistematizar, se depara com essa dificuldade da indefinição. E sobre essas “*(in)definições*” dos fotolivros, temos “antologias, álbuns, catálogos, livros ilustrados, expositivos, de fotografia, de artista fotográficos, fotolivros, fotolivros de artista, fotozines, portfólios — todos esses termos são corriqueiros na produção de livros que contêm imagens fotográficas” (RAMOS, 2021, p 15). E como “o livro fotográfico desafia a categorização simples, devido aos vários tipos de publicação que ele pode abranger” (SHANNON, 2010, p. 55), isso ao mesmo tempo que singular, se torna ideal para o meu refúgio imagético-criativo. E essa reflexão abre caminho para compreendermos a fotografia não apenas como uma ferramenta técnica, mas como um campo híbrido que transita entre o documental e a arte contemporânea.

Para André Rouillé (2010), a fotografia contemporânea é marcada por um movimento contínuo entre o registro documental e a experimentação artística, desafiando constantemente a ideia de uma “verdade” objetiva e fixada. Rouillé observa que, embora a fotografia tenha nascido como uma forma de documentar a realidade, ela foi rapidamente absorvida pelo campo da arte, onde sua função passou a ser questionada e expandida. Nesse contexto, as imagens fotográficas não são mais vistas apenas como reflexos do mundo, mas como uma construção subjetiva, influenciada

pelas intenções do fotógrafo e pela interpretação do espectador, o que reflete diretamente as complexas interações culturais que envolvem a fotografia hoje.

#### **4.2. Inspirações e aspirações fotográficas**

Tarde, mas nem tanto. Moro atualmente no vigésimo primeiro andar, no centro da cidade de Curitiba, Paraná. O sol se punha lentamente, e eu passava uma certa raiva com o editor de fotolivros que escolhi testar e utilizar para imprimir o meu trabalho criativo, que estou detalhando aqui.

A tarde, mesmo tão colorida, já não brilhava tanto. A notícia que corria era de que a doença de meu pai havia tido mais um diagnóstico. Preocupante? Sim, mas isso ainda mais me faz lembrar a importância deste trabalho, como a professora Valquíria Michela John me falou na banca de TCC I: “Daqui um tempo, quem sabe sejam as únicas memórias de como é esse sistema, esse modo de vida...” e quem sabe seja assim mesmo, pois, o sistema é algo empírico, e cada guardiã ou guardião de *Yari* desenvolve seus traços, suas raízes e seus sentimentos para com ela.

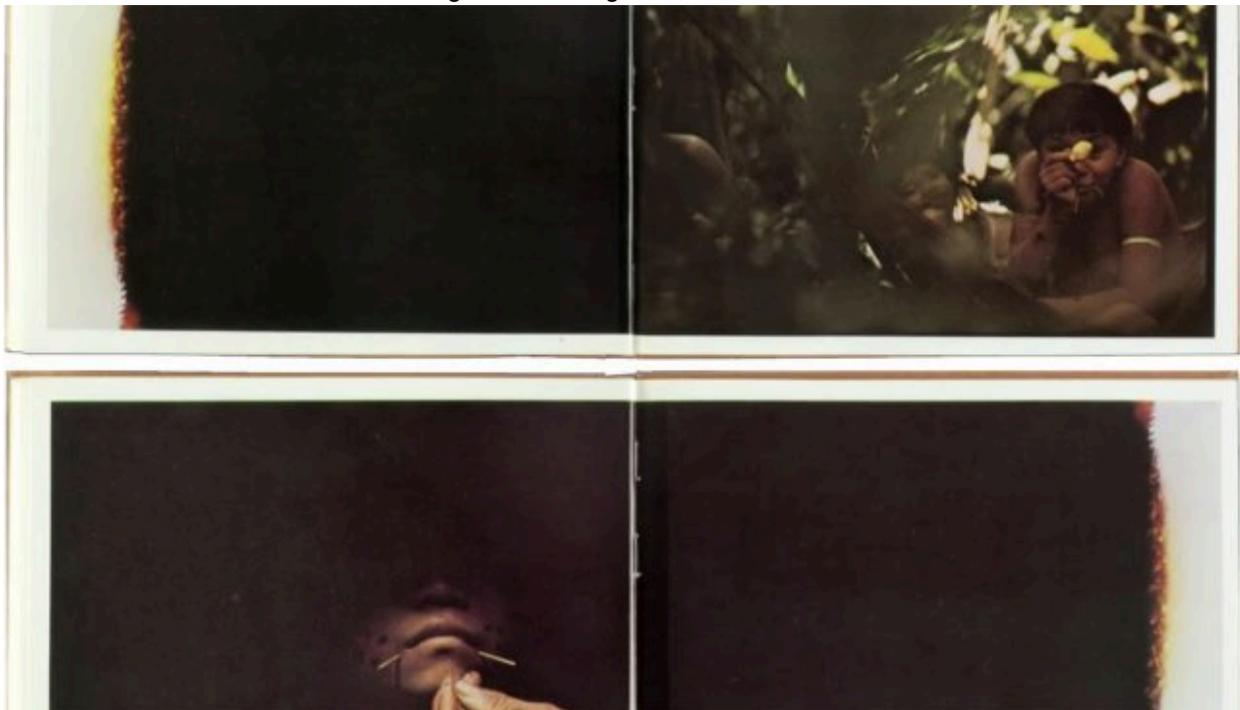
Quis retratar esse sistema a partir da perspectiva de alguém que cresceu dentro dele — como eu mesma — trazendo os olhares das pessoas que me cercam e, para que isso se tornasse palpável, busquei inspiração em obras que dialogassem com a ideia da fotografia como documento e como expressão artística.

Abaixo, vou trazer quatro obras e os motivos pelos quais me inspiram profundamente, sendo: "Amazônia" de Claudia Andujar e George Love; John Thomson — life and photographs, the Orient, street life in London, through Cyprus with the camera, de Stephen White; "Mar e Mata" de João Urban; e "Engenhos & Barbaquás" de Nego Miranda e Teresa Urban.

A obra *Amazônia* (1978) (Figura 13), de Claudia Andujar e George Love, é um exemplo marcante de como a fotografia pode transcender a mera documentação e se tornar uma ferramenta de resistência e expressão. Originalmente concebido como um fotolivro documental sobre a Amazônia, o projeto foi censurado pela ditadura militar, o que levou os autores a uma solução visual impactante: em vez de textos explicativos, inseriram pontas de filme queimadas, um gesto simbólico que denuncia a tentativa de silenciamento imposta pelo regime. Essa ausência de palavras não reduziu a força da

obra; pelo contrário, intensificou sua mensagem, transformando as imagens em testemunhos silenciosos, mas profundamente eloquentes. O que mais me inspira nesse trabalho é a forma como ele prova que a fotografia pode falar por si mesma, comunicando-se diretamente com o espectador sem a necessidade de legendas ou explicações. Esse princípio guiou minha abordagem no meu próprio fotolivro, onde busco não apenas registrar cenas, mas permitir que cada imagem carregue em si um significado, evocando emoções e narrativas sem precisar de complementos textuais.

Figura 13 - Indígenas, Amazônia.



Fonte: ANDAJUR et al, 1978.

John Thomson, um dos pioneiros da fotografia documental no século XIX, dedicou-se a registrar aspectos da vida cotidiana em suas viagens pelo Oriente, Londres e outras partes do mundo. A obra de Thomson não apenas documenta culturas e sociedades diversas, mas também revela a sensibilidade com que o fotógrafo capturou seus retratados. A imagem *A Siamese Girl* (1865-66) insere-se em uma série de retratos produzidos durante suas expedições, oferecendo um olhar atento sobre as identidades e os modos de vida da época. Através de seu trabalho, é possível perceber

uma preocupação não apenas estética, mas também humana, com os sujeitos fotografados, destacando a empatia e o respeito presentes em sua abordagem visual.

Além dos retratos, o trabalho de Thomson também se estendeu à documentação de paisagens, estruturas urbanas e condições sociais. Fotografias como *Laos Man and Laos Woman* (c. 1865) (Figura 14), aqui revelam não apenas a técnica apurada do fotógrafo, mas também a complexidade das relações coloniais e das percepções ocidentais sobre o Oriente no século XIX. Essas imagens carregam consigo um misto de exotismo e realismo — elementos que, para mim, representam uma dualidade fundamental na fotografia documental: o registro visual como meio de informação e, simultaneamente, como forma de interpretação subjetiva da realidade.

Figura 14 - Laos Man and Laos Woman.



10. 14 Laos man and Laos woman, c. 1865

Fonte: WHITE, 1987.

Inspirando-me nesse legado, busco em meu fotolivro não apenas capturar a essência visual das cenas retratadas, mas também contextualizar cultural e

emocionalmente cada imagem. Assim como Thomson imortalizou figuras e cenários em suas expedições, desejo que minhas fotografias transmitam não apenas uma estética visual, mas também a experiência sensível e subjetiva de estar presente naquele espaço e tempo.

O livro "*Mar e Mata*" de João Urban, publicado em 2009, é uma obra significativa que apresenta uma série de fotografias e ensaios que exploram as relações entre a natureza, a cultura e o povo das regiões litorâneas e serranas do Brasil (Figura 15). As imagens contidas neste livro, que como na obra anterior, oferecem um olhar profundo sobre as conexões culturais e naturais dessas populações e seus territórios.

Figura 15 - Tronco cortado.



Fonte: URBAN, 2009.

As fotografias de Urban, com uma sensibilidade única, trazem elementos que vão além da simples captura de imagens, buscando explorar as relações entre os seres humanos e os ambientes que habitam. As figuras representadas na obra (Figura 16), são um exemplo clássico de sua habilidade de destacar as identidades culturais e a rica diversidade das pessoas que fazem parte dessa paisagem.

Figura 16 - Interior da casa.



Fonte: URBAN, 2009.

Por fim, me inspiro em “Engenhos & Barbaquás”, de Nego Miranda e Teresa Urban, publicado em 1998. A obra traz história e imagens que documentam com riqueza a cultura da erva-mate. Mais do que um registro histórico, o livro é uma celebração da memória social e cultural que envolve o mate, oferecendo ao leitor um mergulho nas tradições e no cotidiano das comunidades que mantêm vivo esse saber ancestral.

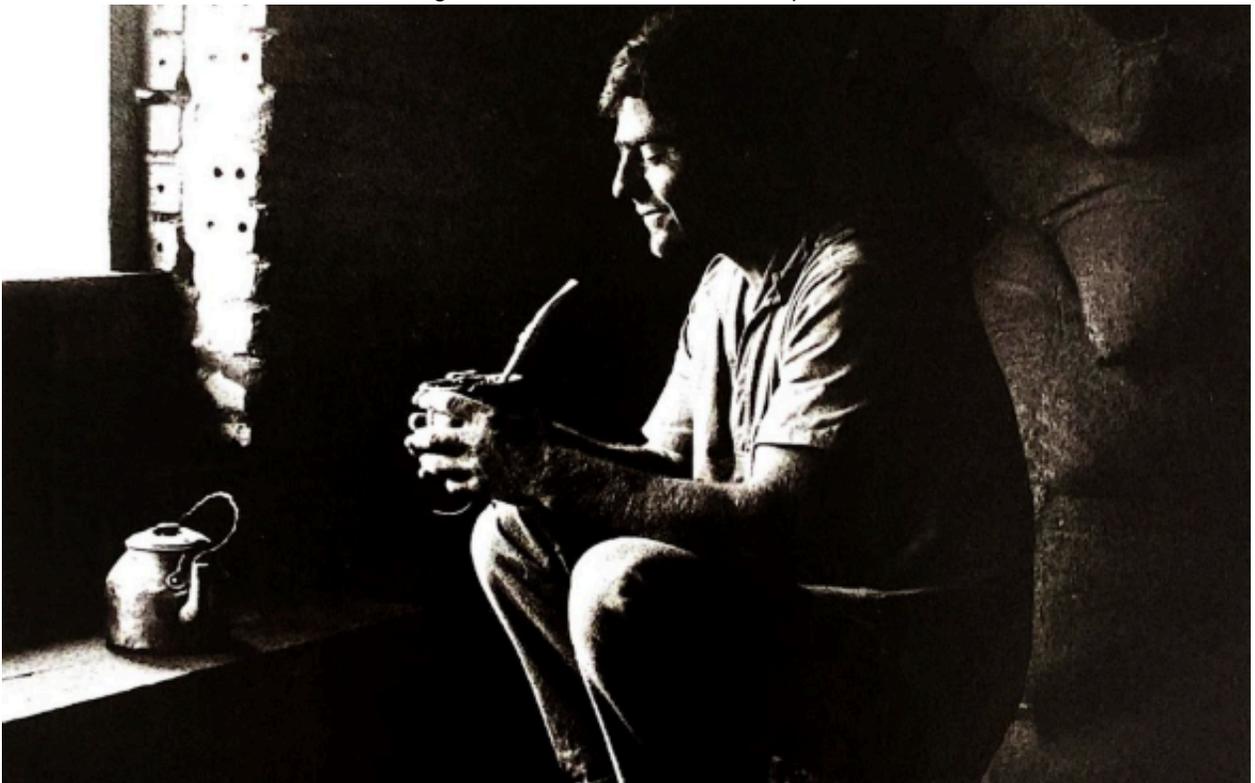
O livro, além de contar a história do mate na região, complementa com fotografias que retratam com profundidade a cultura ervateira nos anos 90. Retratos, paisagens e os processos de beneficiamento ganham vida em cada página, revelando as práticas e técnicas tradicionais associadas ao cultivo da erva-mate no interior paranaense. Urban captura com sensibilidade o mundo do campo, o trabalho dos agricultores e a importância da erva-mate na vida dessas comunidades tradicionais, como mostram as imagens da Figura 17 e da Figura 18, apresentadas abaixo.

Figura 17 - Colheita da erva-mate.



Fonte: MIRANDA, 1998.

Figura 18 - Chimarrão no barbaquá.



Fonte: MIRANDA, 1998.

Desta forma, as obras "Amazônia" de Claudia Andujar e George Love; John Thomson — life and photographs, the Orient, street life in London, through Cyprus with the camera, de Stephen White; "Mar e Mata" de João Urban; e "Engenhos & Barbaquás" de Nego Miranda e Teresa Urban, inspiram-me profundamente, pois cada uma delas traz uma abordagem única sobre como a fotografia pode capturar não apenas a realidade visual, mas também a essência cultural e emocional de um lugar e de seus habitantes.

### **4.3. A construção poético-documental do fotolivro**

O fotolivro que desenvolvi através de uma jornada intuitiva, mas não deixando de ser meticulosamente planejada, se desdobra pelo anseio de criar uma narrativa visual e acessível sobre os Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate. Mais do que um simples registro visual, o fotolivro constroi uma narrativa sensível, que costura técnica, cultura, afetividade e ancestralidade em um mesmo tecido poético e documental.

Cada imagem, cada página, carrega em si um gesto de reverência: ao território, às mãos que manejam o verde com sabedoria, à floresta que ensina silêncio e resistência. O anseio que move o projeto é dar visibilidade a práticas que, muitas vezes, seguem resguardadas no íntimo das famílias e das florestas — silenciosas, mas profundamente enraizadas no tempo e na terra. Ao longo dessa construção, busquei compreender não só a técnica dos cultivos, mas também a alma desse saber. E nesse processo, me aproximei da figura mitológica de Caá-Yari, a protetora da erva-mate, como símbolo da força, da delicadeza e da reciprocidade que envolvem o cultivo agroecológico. Mais do que uma entidade lendária, ela passou a habitar o imaginário deste trabalho como uma presença viva, feminina e ancestral, que inspira respeito pelas florestas e pelos saberes que brotam da terra. Em cada gesto de cuidado com o mate — da semeadura à colheita —, reconheço nela a guardiã dos vínculos invisíveis entre gente, planta e território.

Para acompanhar e aprofundar essa proposta visual, nasceu também o poema que carrega o mesmo título do fotolivro, exposto na contracapa da obra. Um texto autoral que pulsa como a própria seiva de Caá, atravessando a ancestralidade, a

espiritualidade da terra e a continuidade das gerações que se dedicam ao cultivo com reverência e resistência.

O poema se estrutura em três momentos — plantio, crescimento e florescimento — que, mais do que descrever o ciclo natural da planta, traduzem as camadas afetivas, espirituais e políticas que envolvem o trabalho com a erva-mate em sistemas agroecológicos. É também uma forma de registrar, com palavras e imagens, os fluxos de vida que se entrelaçam entre quem planta, quem colhe e quem transforma.

“No ventre da terra, um segredo pulsa,  
sementes adormecem entre dedos ancestrais.  
Raízes sussurram histórias em língua de seiva,  
contam do tempo em que a mata era seio e alento.

Aqui somos – brotamos entre sombras e auroras,  
crescemos como a Caá, firmes e indomáveis.  
Cada folha que desperta é um nome antigo,  
cada talo erguido, um gesto de resistência.

E quando florimos, a terra nos reconhece.  
Somos perfume, somos herança, somos eco.  
No abraço do vento, na dança das mãos,  
o ciclo se refaz – eterno, verde, nosso.”

Fonte: A autora.

A primeira estrofe traduz uma ligação visceral com a terra — um ventre que guarda os saberes antigos e abriga a força que impulsiona a vida. As sementes adormecidas entre dedos ancestrais evocam o gesto intergeracional de semear, onde o plantio não é apenas agrícola, mas simbólico: plantar é confiar o saber ao tempo.

Na segunda parte do poema, o foco se desloca ao crescimento. As sombras e auroras representam os desafios e esperanças do caminho, enquanto cada folha e cada talo tornam-se símbolos de identidade, memória e resistência. É nesse ponto que o fotolivro se aproxima da ideia de identidade visual como testemunho: as fotografias não apenas ilustram, mas testemunham essa ancestralidade em movimento.

A última estrofe trata do florescimento, ápice do ciclo e da própria trajetória dos que cultivam a Caá com afeto e respeito. A terra reconhece seus cuidadores — há reciprocidade, há pertencimento. O perfume, a herança e o eco revelam que, mais do que uma prática econômica, o cultivo da erva-mate é um gesto de continuidade, de enraizamento e de comunhão com o tempo e com o sagrado da natureza.

Entre os símbolos centrais que perpassam o poema — e o fotolivro como um todo —, destaca-se a terra, entendida como ventre e origem de tudo — espaço sagrado onde germinam memórias e saberes. A Caá (erva-mate) surge como símbolo de resistência, espiritualidade e tradição, conectando o passado ao presente em cada folha cultivada. As mãos, que semeiam, colhem e cuidam, representam os agentes vivos da memória e do presente, transmitindo conhecimento e afeto. Por fim, o vento e a dança evocam o equilíbrio entre ser humano e natureza, numa coreografia cíclica e contínua que celebra a vida em sua plenitude.

Flores de Caá-Yari, portanto, é mais do que um fotolivro. É um espaço onde imagem, palavra e vivência se encontram para narrar uma história que não começou comigo e não terminará em mim. É um gesto de escuta, de devolução e de amor à terra que me forma e transforma. É também um chamado para que outros olhos se voltem a essas práticas sutis, mas fundamentais, onde o que floresce não é só a erva-mate — é também a memória, o afeto e o pertencimento.

#### **4.3.1. Quem são e onde se encontram as “Flores de Caá-Yari”?**

As “Flores de Caá-Yari” nascem da ideia de que o trabalho com a erva-mate é um processo que está sempre em florescimento. Trata-se de um cultivo que germina, cresce, se transforma em vida — floresce. Dentro desse ciclo contínuo, encontram-se os erveiros e as erveiras, guardiões dos saberes tradicionais e dos manejos sustentáveis do mate, cujas práticas se entrelaçam com a cultura local e com os ritmos naturais. São eles — e eu me incluo entre eles, pois cresci envolta por esse manto — que, com sabedoria e paciência, cultivam, colhem e transformam *Caá*, perpetuando uma relação quase espiritual com a natureza, digna da proteção mítica de *Yari*.

Essas flores desabrocham nos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-Mate, espaços onde o respeito à terra e às florestas se mantém vivo, florescendo junto ao afeto que se tem pela erva-mate. No contexto deste projeto, essas flores se revelam de maneira muito concreta na propriedade da minha família, a Serra das Araucárias, localizada no interior do município de Bituruna, no Paraná. É ali que o ciclo se perpetua, com cultivos e colheitas que se renovam a cada tempo, pois sempre há um novo florescer. É ali que cresci, é ali que floresço. Agora, com 22 anos, semeio-lhes.

Crescer e florescer neste território é também aprender a reconhecer os rostos, gestos e afetos que compartilham dessa caminhada. Minha mãe, Veronica Hinka Vergopolem, com sua ternura firme, é força que acolhe e direciona — como a erva que resiste ao frio e floresce com doçura. Sua sabedoria cotidiana é seiva que nutre. Minha irmã, Jessica Mara Vergopolem, é presença constante, porto seguro silencioso, com quem compartilho a cumplicidade de quem conhece os bastidores da alma. E meu pai, o Guardião, Bernardo Vergopolem, é tronco firme dessa árvore familiar: sua sabedoria silenciosa, enraizada no tempo e na terra, sustenta os caminhos que trilhamos hoje.

Ao lado deles, também crescem comigo meu irmão, Jean Bernardo Vergopolem, com quem divido raízes profundas, e sua companheira de jornada, Patrícia Ferreira da Silva, que integra este ciclo com sensibilidade e afeto. Meus avós, Maria Novaski Hinka e João Hinka, raízes mais antigas dessa grande árvore genealógica, sustentam a memória e o pertencimento. Seus ensinamentos atravessam o tempo, germinando nos gestos cotidianos, na terra bem cuidada, nos saberes repassados como sementes. São eles que nos lembram que tudo o que floresce precisa, antes, de um solo fértil de histórias. E, por fim, meu companheiro, Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf — com quem compartilho projetos, silêncios e alegrias — também é parte essencial deste florescer. Ao lado dele, nasceu Aysu, que em tupi significa amor. Um amor que brota do cuidado mútuo, da escuta atenta e da construção partilhada. Aysu é um afeto que germina, cresce e floresce. Um amor que, como a erva-mate, carrega força, sutileza e ancestralidade. Ele representa um compromisso com a vida, com a terra, com a delicadeza dos encontros e com a coragem de imaginar futuros mais sensíveis.

#### **4.3.2. Escolhas estéticas e técnicas**

Foram tantas idas e vindas... ao todo, mais de 10 mil imagens foram capturadas — registros que, para além de meras fotografias, são fragmentos de mim, pedaços da minha jornada pessoal entrelaçada à terra, às pessoas e às histórias que compõem este trabalho. Dentre esse vasto acervo, algumas das fotos foram feitas por minha mãe, Veronica, por minha irmã, Jessica, e por meu companheiro, Jorge; e, talvez, ainda existam outras contribuições que, no momento, minha memória não alcança, mas que reconheço como igualmente valiosas.

Em termos estéticos e técnicos, optei por utilizar luz natural para toda a execução do projeto, algo que para mim é essencial para capturar a verdadeira atmosfera de cada momento. A hora do dia, o clima, tudo isso influencia diretamente no resultado final das imagens. Em dias nublados, a luz suave e difusa me permitiu registrar detalhes delicados e texturas de maneira mais sutil. Quando o sol estava forte, busquei contrastes mais dramáticos, focando em capturar a intensidade dos momentos, a vivacidade do trabalho. Nos dias de névoa e chuva, procurei explorar a intimidade e a renovação que ela traz ao ambiente, capturando a sensação de frescor que a água proporciona às plantas e ao trabalho no campo.

A ideia central era explorar as lentes para criar uma relação de proximidade com o objeto fotografado, seja um close-up detalhado da erva-mate, ou uma imagem mais ampla que mostrasse o vasto cenário natural. Cada fotografia foi pensada não apenas como um registro, mas como uma forma de traduzir as emoções, os cheiros e os sentimentos de estar ali, naquele momento. Este fotolivro, portanto, não é apenas uma obra minha, mas uma criação coletiva. O reflexo de todas as contribuições das pessoas que estão ao meu redor, com quem compartilho minha vida e minhas raízes. Cada imagem tem uma história, um olhar pessoal que se mistura ao meu, e é isso que faz dessa obra algo tão único e especial.

A escolha das imagens para compor o fotolivro foi um processo sensível e cuidadoso. Das milhares de fotografias feitas ao longo do projeto, selecionei 95 imagens finais, cada uma escolhida não apenas por seu valor estético, mas pela narrativa emocional que carrega. Cada fotografia foi pensada como uma porta de entrada para um sentimento, uma memória, um cheiro ou som daquele instante. O critério de escolha partiu dessa busca por traduzir visualmente não só o que se via, mas o que se sentia ao estar presente e o que se via necessário trazer para que o sintam.

A edição das fotos foi feita através do programa *Adobe Photoshop Lightroom*, de maneira sutil, mantendo a fidelidade às paisagens, manejos e personagens representadas, com ajustes apenas em alguns tons e iluminação, isso apenas para harmonizar o fotolivro como uma narrativa que se compõe, ‘conversa’ com todas as imagens e para reforçar a expressividade dos elementos capturados (Figura 19 e Figura 20). Além disso, algumas poucas imagens foram convertidas para preto e branco.

Figura 19 - Imagem crua, sem edições.



Fonte: A autora.

Figura 20 - Exemplo de edição de cor e iluminação.



Fonte: A autora.

Para capturar as imagens, foram utilizadas apenas duas câmeras fotográficas, que são objetos pessoais adquiridos justamente pelo trabalho com a erva-mate. A primeira e mais utilizada foi a Nikon D5600, com lentes 18-55mm, 50mm e 70-300mm. Já algumas poucas imagens surgiram da utilização da câmera Samsung NV3 LENS.

A diagramação do fotolivro também foi feita toda por mim, com o mesmo cuidado que dediquei às fotografias. Busquei uma composição visual que respeitasse o espaço da imagem, sem paginação ou textos adicionais. Incluí apenas o poema já exposto na contracapa, títulos e legendas, em uma seção separada. As fontes utilizadas foram Cardo e Montserrat, com diferentes tamanho no título, para encaixar e preencher toda a capa; os subtítulos em tamanho 20, e o sumário em fonte 10. Assim, o olhar do leitor transita livremente pelas fotografias, sem interrupções textuais durante a sua jornada.

Além da capa, estruturei uma espécie de “luva” protetora, que envolve o fotolivro, não apenas o resguarda fisicamente, mas também o introduz poeticamente, despertando a curiosidade do espectador. A Luva (Figura 21) foi feita artesanalmente, juntando ideias com Thaís Batoni, encadernadora e artesã da cartonagem.

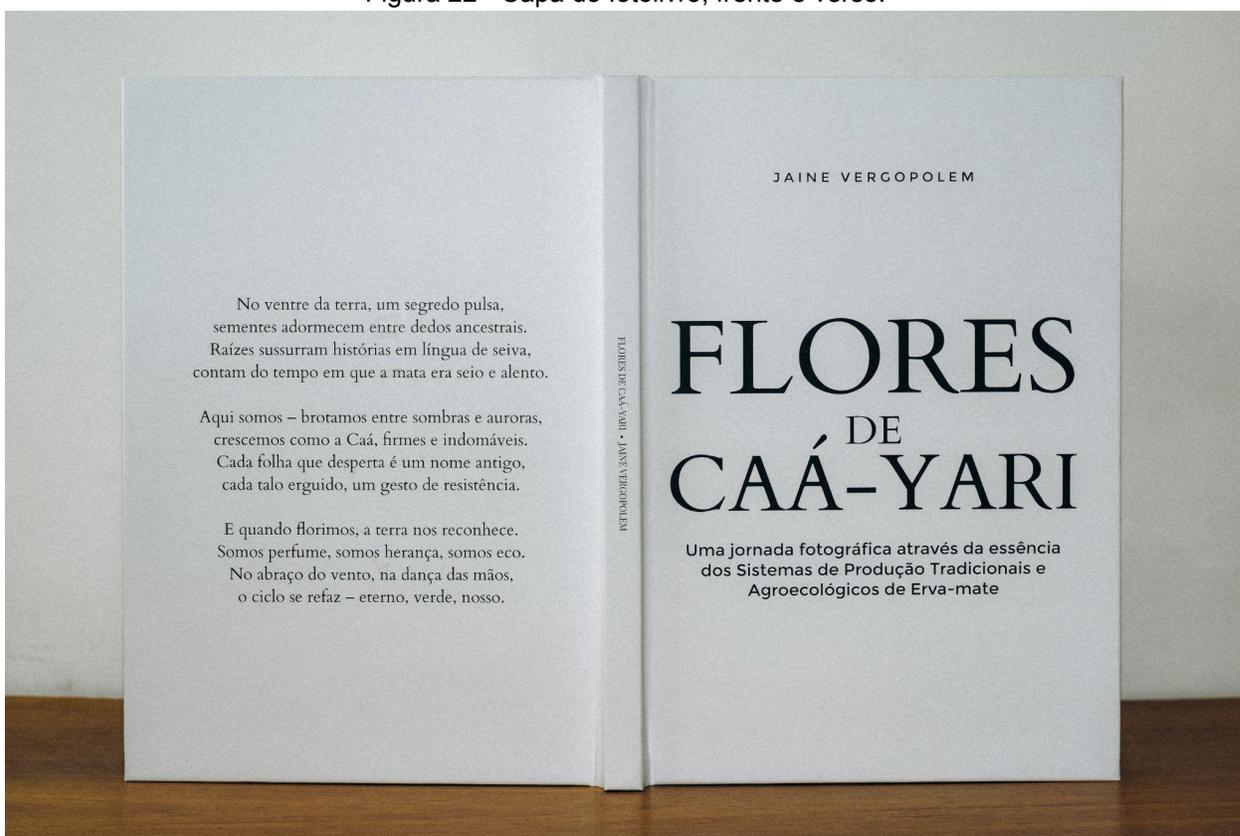
Figura 21 - Invólucro ‘Flores de Caá-Yari’.



Fonte: A autora.

A materialização do fotolivro foi realizada pela empresa especializada em impressões fotográficas por meio de plataforma totalmente online, o que permitiu um processo ágil, seguro e personalizado. O formato escolhido foi A4 (30x21 cm) – para dar a imponência que era merecida – orientação retrato, abertura tradicional e capa dura impressa e laminada, com acabamento fosco, conferindo resistência, elegância e maior durabilidade ao exemplar. A obra possui um total de 216 páginas, impressas em papel couchê 170 g. Abaixo, imagem da diagramação da capa e contracapa do livro (Figura 22), que reflete visualmente a proposta estética do projeto.

Figura 22 - Capa do fotolivro, frente e verso.



Fonte: A autora.

Com o intuito de ampliar o acesso e tornar o conteúdo do fotolivro disponível a diferentes públicos, foi disponibilizada também uma versão digital, em formato FlipBook. Essa versão online permite a visualização integral da obra em qualquer dispositivo com acesso à internet, tratando-se de uma escolha pensada para democratizar o acesso à

fotografia, à memória e à cultura contida nas páginas do fotolivro. Para acessar o material digital, siga ao *QR-Code* anexo ao Apêndice 7.1.

#### 4.3.3. Organização orçamentária do projeto criativo

A execução do projeto seguiu um planejamento aberto, iniciado em setembro de 2024 e acabou no final de maio de 2025. A disposição deste tempo se deve ao desejo de acompanhar algumas partes do ciclo da planta referida no mesmo e as suas diversas ações de manejo e cultivo, que dependiam de viagem e planejamento prévio.

O orçamento para a realização do projeto fotográfico (Figura 23) na cidade de Bituruna, Paraná, contempla os custos de logística e impressão do produto final, considerando que os recursos utilizados serão provenientes de investimentos próprios.

Figura 23 - Luva e fotolivro 'Flores de Caá-Yari'.



Fonte: A autora.

Na parte de logística, emergiu a necessidade de quatro viagens de Curitiba à Bituruna – e vice-versa –, para a realização das capturas fotográficas. O custo médio de

cada passagem é de, aproximadamente, R\$120,00, totalizando R\$960,00 para as viagens de ida e volta. Além disso, prevê-se um gasto de, aproximadamente, R\$600,00 com combustível, destinado ao uso de transporte próprio nos deslocamentos locais e trajetos adicionais. Assim, o total estimado para a logística e locomoção é de R\$1560,00.

Para a finalização do produto principal deste projeto — o fotolivro —, optei pela impressão de dois exemplares: um que ficará comigo, acompanhando-me em breve viagem à Alemanha, e outro destinado aos meus pais. Os exemplares confeccionados tiveram um investimento total de R\$ 1.377,54 referente à impressão dos dois volumes. Somando-se a luva artesanal, com o valor total de R\$ 140,00. Desta forma, o valor total aproximado que foi investido neste Trabalho de Conclusão de Curso foi de R\$ 3.077,54.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino este trabalho como o iniciei: agradecendo. Agradeço com a profundidade do coração da terra à minha família — meu refúgio e porto seguro —, fonte abundante de inspiração, apoio e coragem para seguir adiante. Estendo minha gratidão a todas as pessoas diretamente e indiretamente envolvidas neste processo, cuja presença, ainda que por vezes silenciosa, foi essencial para que este trabalho pudesse florir.

Apresentar *Caá-Yari* — a erva-mate — por meio de uma abordagem visual que evidenciasse seus aspectos ambientais, produtivos, socioeconômicos e culturais, no contexto dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de produção, foi mais que um exercício estético ou técnico para mim. Foi um gesto político, ético e comunicacional. Revelar a importância da erva-mate para as comunidades familiares significou, para mim, reafirmar a potência de modos de vida que resistem às lógicas predatórias do agronegócio e ao pensamento hegemônico. Nesse sentido, compreendi a fotografia como uma linguagem sensível: canal expressivo capaz de dar voz à natureza, provocar encantamento e, ao mesmo tempo, atuar como instrumento de denúncia e resistência.

Foi desse entrelaçamento que nasceu o fotolivro '*Flores de Caá-Yari — Uma jornada fotográfica através da essência dos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate*', uma obra com a qual busquei traduzir, por meio de imagens que falam e emocionam, a riqueza desses sistemas. Minha proposta foi promover uma conexão direta com o território e seus saberes. Esse primeiro corpus visual, dedicado exclusivamente aos Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate — um marco simbólico e material — reconhece e valoriza esses modos de produção enquanto patrimônio vivo. Espero que ele inspire mais e mais produções como esta.

Ao longo da construção deste trabalho, fui guiada pelo mito indígena da origem da Caá, pelas práticas dos Tupis e Guaranis, pelas atuais iniciativas de reconhecimento como SIPAM (Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial) e pelas discussões contemporâneas sobre o Carbono Social. Percorri tempos e epistemologias diversas. Assumi, com Dubois (2012), que a fotografia não é espelho da realidade, mas índice — rastro, afirmação de existência. E foi por meio dessa referencialização que me

permitiu abrir espaço para narrativas visuais que legitimassem, viabilizassem e fortalecerem as experiências dos guardiões e guardiãs da Caá-Yari.

Escolhi o formato fotolivro por acreditar que ele permite a construção de uma narrativa integrada, que respeita o tempo das imagens e dos afetos. Como afirma Cartier-Bresson (2010), conteúdo e forma são indissociáveis — e, assim, deixei que a organização visual emergisse do instinto, da escuta, do sentir. Este trabalho foi, para mim, um esforço de comunicar o que, muitas vezes, escapa às palavras: a beleza silenciosa do trabalho coletivo, a sutileza dos gestos cotidianos, a ancestralidade que habita o chão da floresta. Defendo o fotolivro como produto artístico e documental que enaltece a erva-mate e seu entorno, harmonizando escolhas estéticas e técnicas com um compromisso político e poético. Com esta pesquisa, espero ter oferecido uma contribuição reflexiva sobre o papel da comunicação visual na valorização dos patrimônios, promovendo um diálogo fértil entre arte, memória e sustentabilidade. Mais do que documentar, busquei amplificar vozes e experiências que, por vezes, permanecem à margem do silêncio.

Acredito que o objetivo central — ampliar a visibilidade e o reconhecimento dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate — começa, enfim, a se concretizar. Ainda que existam apenas dois exemplares físicos e que, por ora, o acesso amplo se dê apenas via internet, o que se inaugura com este material é uma trilha de resistência. Este fotolivro não se impõe sobre as vivências dos erveiros e erveiras — ele se soma a elas. Nasceu do incentivo mútuo, da escuta atenta e da convivência com o sistema, fluindo com sua essência.

Mais do que atingir as hipóteses e objetivos previstos, percebo agora, empiricamente, que este projeto expressa também minha convicção de que a descoberta de nós mesmos acontece em conexão com o mundo. Um mundo que nos molda e que, ao mesmo tempo, pode ser transformado pelas nossas escolhas. Encontrei, entre interior e exterior, um equilíbrio fundamental para construir uma comunicação genuína, sensível e transformadora.

A poética fotográfica, aliada a um olhar artístico nas composições, tem me mostrado seu poder de despertar encantamento, provocar emoções e estabelecer conexões profundas entre quem olha e aquilo que é olhado. Como nos lembra Roberto

Belmonte (2015), o entrelaçamento entre arte e prática fotográfica vai além da contemplação estética — ele é ferramenta de engajamento ambiental, capaz de sensibilizar e mobilizar diante das urgências do nosso tempo. A fotografia, nesse contexto, não é um espelho da realidade, mas um campo de forças simbólicas. Ela convoca o olhar à responsabilidade, interpela o sujeito, exige presença. E é nesse tensionamento que reside sua potência: ao representar visualmente os sistemas agroecológicos e tradicionais de produção da erva-mate, compreendo que o fotolivro não apenas registra — ele comunica sentidos: estéticos, políticos, afetivos e territoriais. É uma estética que não se esvazia em si mesma, mas que carrega densidade crítica. Que faz ver, mas também pensar e sentir. Que sustenta o vínculo entre imagem e mundo, entre poética e política, entre memória e futuro.

Narrar por meio de imagens foi, para mim, também um gesto de memória. Sei que, daqui a algum tempo, talvez reste apenas a lembrança deste sistema. E desejo profundamente que essa lembrança seja sensível, potente e viva — pois ele vive, hoje, na experiência de cada guardião e guardiã da erva-mate, em suas práticas, traços e relações com a terra e o tempo. E as lições que permanecem não estão apenas nas imagens, mas em todo o processo: no caminhar junto, no escutar, no respeitar os ritmos do outro e da floresta. Este não é um trabalho solitário — é fruto de uma comunidade. E essa comunidade permanece inscrita na memória do projeto, transformada em narrativa viva.

Por fim — ou início, depende do ponto de vista —, espero que este trabalho contribua para o fortalecimento de uma comunicação comprometida com o bem viver, com a dignidade dos povos da terra e com a preservação dos saberes ancestrais. Desejo que ele inspire outras experiências comunicacionais baseadas na escuta, na sensibilidade e no respeito à diversidade de modos de vida. Que, como flor que brota em meio à sombra, ele possa abrir caminhos para que outras vozes, ainda silenciadas, possam florescer — ao lado da erva-mate, das florestas e das memórias que resistem.

Como erveira e guardiã de Caá-Yari, não posso — nem quero — separar o que produzi neste trabalho da terra onde meus pés pisam e meu coração pulsa. Este fotolivro não é apenas um produto acadêmico: é um rito de passagem, um canto visual tecido com folhas, luz e memória. É também um ato de cuidado e resistência: cuidar da

imagem é cuidar da mata; resistir com afeto é preservar saberes. Ao mirar por trás da lente, não olhei de fora — olhei desde dentro, desde o chão molhado de orvalho, desde a fumaça do sapeco, desde a mão calejada que colhe e a voz antiga que conta. Reivindico, com a força de quem vive, que comunicar os Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Produção de Erva-mate é um dever ético e afetivo. Porque sei, com o corpo e com a alma, que não há separação entre fotografia e floresta, entre estética e pertencimento. E, enfim, desejo que cada página folheada seja como um vento suave nas ramas, ecoando entre nós a certeza de que onde há cuidado, há vida. E onde há vida, haverá sempre luta — enraizada, poética e coletiva.

## 6. REFERÊNCIAS

AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA – **AS-PTA. RELATÓRIO DE ATIVIDADES 1998**. Rio de Janeiro, junho de 2000.

AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA – **AS-PTA. RELATÓRIO DE ATIVIDADES 1999**. Rio de Janeiro, junho de 2001.

ALCÂNTARA, Araquém. **Jovem Baniwa. Rio Içana. Cabeça do Cachorro. Amazonas** [s.l.], 18 de março de 2025. Instagram: araquemoficial. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DHWHQEuxFLi/>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

ANDUJAR, Claudia; LOVE, George. **Amazônia (1978)**. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Z\\_4EBoCyqTA](https://www.youtube.com/watch?v=Z_4EBoCyqTA)> Acesso em 16 nov. 2024.

AS-PTA, Agricultura Familiar e Agroecologia. **RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2000**. Rio de Janeiro, julho de 2001. Disponível em <https://aspta.redelivre.org.br/files/2011/01/AS-PTA-Relatorio-de-Atividades-2000.pdf> Acessado em 12 de nov. 2024.

AS-PTA, Agricultura Familiar e Agroecologia. **Trajetórias da conservação da agrobiodiversidade no Centro-Sul do Paraná: das sementes crioulas aos derivados de milho ecológico**. 03 dez. 2019. Disponível em <https://aspta.org.br/2019/12/03/trajetorias-da-conservacao-da-agrobiodiversidade-no-centro-sul-do-parana-das-sementes-crioulas-aos-derivados-de-milho-ecologico/> Acesso em 09 nov. 2024.

AVEDON, Richard(1923-2004). **Dovima con elefantes, 1955**. Disponível em <[https://www.expansion.com/fueradeserie/moda-y-caprichos/album/2024/02/16/65ba185fe5fdea914b8b45fb\\_15.html](https://www.expansion.com/fueradeserie/moda-y-caprichos/album/2024/02/16/65ba185fe5fdea914b8b45fb_15.html)> Acesso em 16 nov. 2024

AUMONT, Jacques. **A imagem/Jacques Aumont**; Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro - Campinas, SP : Papyrus, 1993. - (Coleção Ofício de Arte e Forma).

BELMONTE, Roberto. **A construção do discurso da economia verde na revista Página 22**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CARTIER-BRESSON, Henri. Transcrito de "**O Momento Decisivo**", in Bloch Comunicação, nº 6 Bloch Editores - Rio de Janeiro. Pags. 19 a 25, 2010.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Arbóreas Brasileiras/por Paulo Ernani Ramalho Carvalho**. — Brasília : Embrapa Informação Tecnológica ; Colombo, PR : Embrapa Florestas, 2003.

CEDERVA. **A erva-mate e os nativos da América**. Disponível em: <https://www.cederva.org/a-erva-mate-e-os-nativos-da-america>. Acesso em: 9 nov. 2024.

CEDERVA. **Sistemas tradicionais de cultivo: a erva-mate sombreada**. Curitiba, 2020. Disponível em <http://www.cederva.org/sistemas-de-producao.html> Acesso em 07 de nov. de 2023.

CEDERVA. **Erva-mate sombreada é reconhecida internacionalmente como SIPAM pela FAO**. Disponível em <https://www.cederva.org/post/erva-mate-sombreada-é-reconhecida-internacionalmente-como-sipam-pela-fao>. Acesso em 20 de mai. de 2025.

CHAIMSOHN, F. P.; RADOMSKI, M. I. **Sistemas tradicionais de erva-mate: características biofísicas, socioeconômicas e ambientais**. Curitiba, 2016.

CHAIMSOHN, F. P.; SOUZA, A. M. de; LACERDA, A. E. B. de; NIMMO, E. R. **Contribuições para a construção do processo de Indicação Geográfica - 2ª Edição**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2023.

CHAUI, Marilena. **Janela da Alma, Espelho do Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

CUNHA FILHO, Paulo C.; FARACHE, Ana. **A natureza da fotografia na fotografia da natureza: o selvagem, a desmesura e a beleza do mundo**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 17, núm. 2, 2010, pp. 108-117.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios/Philippe Dubois**; tradução Marina Appenzeller. - 14ª ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2012. - (Série Ofício de Arte e Forma).

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ERVAMATE.ORG. **Proposta da agroindústria dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate é apresentada em Paulo Frontin, Paraná**. 20 jun. 2024. Disponível em

<https://www.ervamate.org/post/proposta-da-agroindustria-dos-sistemas-tradicionais-e-agroecologicos-de-erva-mate-e-apresentada-em-p>. Acesso em 9 nov. 2024.

FAO NO BRASIL. **No interior do Paraná, mãe e filha compartilham amor pela agroecologia e juntas plantam o futuro.** Disponível em <[fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1475918/](https://fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1475918/)> Acesso em 08 de nov. de 2023.

FORLÉO, Carolina Araujo. **Olhar complexo e contemplação: fotolivros como prática visual no contexto contemporâneo.** Universidade de São Paulo, São Paulo, SP Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

GOMES, P. **Da escrita à imagem: da fotografia à subjetividade.** 1996. 62f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais.** Campinas: Papyrus, 2004.

GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica;** Notas e reflexões. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Rio de Janeiro, 2012.

GURAN, Milton. **O olhar engajado: inclusão visual e cidadania.** Studium, Campinas, SP, n. 27, p. 99–114, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação / Stuart Hall;** Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PEVS - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.** Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9105-producao-da-extracao-vegetal-e-da-silvicultura.html>. Acessado em 06 nov. 2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2023.** Rio de Janeiro, v. 38, p. 1-8, 2023. Disponível em <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:3bada0cd-7bb6-4a25-9148-784e734fc16a> Acesso em 10 nov. 2024.

JUSTO, C. S. S. **Os meninos fotógrafos e os educadores: viver na rua e no Projeto Casa.** São Paulo: UNESP, 2003.

- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. 184 p.
- LEITE, M. M. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MARQUES, A. da. C. **AS PAISAGENS DO MATE E A CONSERVAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: UM ESTUDO JUNTO AOS AGRICULTORES FAMILIARES DO PLANALTO NORTE CATARINENSE**. Curitiba, 2014.
- MATTOS, Luciano. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). **Marco referencial em agroecologia** / Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.
- MIRANDA, Nego; Urban, Teresa. **Engenhos & Barbaquás** / Fotografias de Nego Miranda; texto de Teresa Urban. Curitiba: Posigraf, 1998.
- NIMMO, E. R.; CARVALHO, A. I. de; LAVERDI, R.; LACERDA, A. E. B. de. **Conhecimento, memória e história: uma visão transdisciplinar sobre os sistemas tradicionais e agroecológicos de erva-mate**. Colombo: Embrapa Florestas, 2022.
- OBSERVATÓRIO DOS SISTEMAS TRADICIONAIS E AGROECOLÓGICOS DE ERVA-MATE. **Erva-mate**. Disponível em <https://www.observatoriodaervamate.com.br/erva-mate-tradicional> Acesso em 10 de nov. de 2024.
- OMAR, Arthur. **Antropologia da face gloriosa (1997)**. Disponível em <<https://youtu.be/0-a4912Jb4c>> Acesso em 16 nov. 2024.
- PEIXOTO, R. T. dos G.; SILVA, K. da; FERREIRA, T.; PARRON, L. M.; CAMPOS, I. B. de; GIAROLA, N. F. A.; FOGAÇA, A. M.; PAULA, A. L. de; PEPE, K. B. F.; DEMÉTRIO, W. C.; BECKER, R. K.; BRUZ, L. dos S. M.; SANTOS, A.; SÁTIRO, J. N. de O.; BROWN, G. G.; LACERDA, A. E. B. de. **Indicadores de qualidade do solo em sistemas de produção de erva-mate sombreado, integrado e sob pleno sol: estudo de caso em Bituruna, PR**. Colombo: Embrapa Florestas, 2022.
- PENTEADO Junior, Joel Ferreira; GOULART, Ives Clayton Gomes dos Reis. **Erva 20: Sistema de produção para erva-mate**. – Brasília, DF : Embrapa, 2019.
- QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"**. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

RAMOS, Marina Feldhues. **Fotolivros: (in)definições, histórias, experiências e processos de produção**. Curitiba: Ed. UFPR 2021. 260 p. (Série pesquisa, n. 392).

ROUILLÉ, André: **A fotografia, entre documento e arte contemporânea**. Editora SENAC. São Paulo, 2009. Ps. 15-134.

SANTOS, Manuella Teixeira; FILHO, Erasmo Borges de Souza; RIBEIRO, Elinete Oliveira Raposo; FREITAS, Nadia Magalhães da Silva. **Cenas e cenários das questões socioambientais: mediações pela fotografia**. 2012. 101 f.

SEAB, Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná. **Com protagonismo da erva-mate, Paraná é destaque nacional na produção florestal** <https://www.agricultura.pr.gov.br/Noticia/Com-protagonismo-da-erva-mate-Parana-e-destaque-nacional-na-producao-florestal> Acesso em 10 nov. 2024.

SEAB, Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento DERAL - Departamento de Economia Rural – **VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO 2023 - Análise dos Resultados Preliminares 19 de junho de 2024**. Disponível em [https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2024-06/vbp\\_2023\\_analise\\_preliminar.pdf](https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2024-06/vbp_2023_analise_preliminar.pdf) Acesso em 10 nov. 2024.

SEAB, Secretaria da Agricultura e do Abastecimento - **Departamento de Economia Rural - DERAL- Versão definitiva do levantamento da produção rural paranaense por município** Pág. 765 Disponível em [https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2024-08/vbp\\_2023\\_relatorios\\_municipais\\_versao\\_definitiva.pdf](https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2024-08/vbp_2023_relatorios_municipais_versao_definitiva.pdf) Acesso em 10 nov. 2024.

SHANNON, Elizabeth. **The Rise of the Photobook in the Twenty-First Century**. St Andrews Journal of Art History and Museum Studies, v. 14, p. 55-62, 2010, t. n. Disponível em: <https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/nsr/article/view/237>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SILVA, Wellington. **Êxodo rural**. InfoEscola. 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/exodo-rural/>. Acesso em: 09 Nov. 2024.

URBAN, João. **Mar e mata: a serra, a floresta e a baía: seus homens e suas mulheres**. 1. ed. Curitiba: Água Forte, 2009. 207 p. ISBN 978-85-62466-00-7.

WHITE, Stephen, **John Thomson's**. International Museum of Photography at George Eastman House, Rochester, New York National Museum of Photography, Film, and Television Bradford, Yorkshire, 1986-87.

ZIBETTI, D. W. **Seguro agrícola e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Juruá, 2006.

## 7. APÊNDICES

### 7.1. QR-Code do fotolivro digital



### 7.2. Sumário | legendas

|   |   |
|---|---|
| <p>Invólucro • Flores de Caá-Yari – Florada da Erva-mate I</p> <p>01 • Amanhecer no erval da Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;</p> <p>02 • Teias bordadas pela névoa – à esquerda;</p> <p>03 • Borboleta-do-manacá sobre a erva-mate – à direita;</p> <p>04 • Bernardo Vergopolem, meu pai – à esquerda;</p> <p>05 • Veronica Hinka Vergopolem, minha mãe, e Bernardo Vergopolem, meu pai – à direita;</p> <p>06 • À sombra do erval, meus pais – à esquerda;</p> <p>07 • À sombra do erval, a família Vergopolem – começando da esquerda para a direita, apresenta minha irmã, Jessica Mara Vergopolem, com o nosso cachorro, Lucky, em seu colo; seguindo o casal Jean Bernardo Vergopolem e Patrícia Ferreira da Silva; depois meus pais, Veronica Hinka Vergopolem e Bernardo Vergopolem; meu esposo,</p> | <p>39 • Águas do Rio Pitanguinha – à esquerda;</p> <p>40 • Araucárias ao amanhecer – à direita;</p> <p>41 • Amanhecer no erval I – à esquerda;</p> <p>42 • Amanhecer no erval II – à direita;</p> <p>43 • Mimosa Scabrella – Bracatinga I – à esquerda;</p> <p>44 • Tear e o orvalho – à direita;</p> <p>45 • Mimosa Scabrella – Bracatinga II – disposição sob duas páginas;</p> <p>46 • Pássaro e a construção do ninho – à esquerda;</p> <p>47 • Surucuá-variado ou surucuá-de-peito-azul I – à direita;</p> <p>48 • Surucuá-variado ou surucuá-de-peito-azul II – à esquerda;</p> <p>49 • Vista através da Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;</p> <p>50 • A imponente Sapopema I – disposição sob duas páginas;</p> <p>51 • Folha de erva-mate e seus veios – à esquerda;</p> <p>52 • Entre ervais, Bernardo Vergopolem – à direita;</p> |
|---|---|

|   |   |
|---|---|
| <p>Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf e em seguida eu, Jaine Maize Vergopolem Wassmansdorf – à direita;</p> <p>08 • Minha mãe e o chá de erva-mate – à esquerda;</p> <p>09 • Preparação do chá de erva-mate – à direita;</p> <p>10 • Fogo para o sapeco do mate – à esquerda;</p> <p>11 • Infusão de erva-mate – à direita;</p> <p>12 • Meus avós, Maria Novacki Hinka e João Hinka – disposição sob duas páginas;</p> <p>13 • Meu companheiro, Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf – à esquerda;</p> <p>14 • Descalços sob o solo da Serra das Araucárias, Jorge e Jaine – à direita;</p> <p>15 • Família Vergopolem floresce enraizada à Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;</p> <p>16 • Jean e Patrícia, meus ‘irmãos’ – à esquerda;</p> <p>17 • Plantio da muda da erva-mate pelas mãos de Jean e Patrícia – à direita;</p> <p>18 • Jessica Mara Vergopolem floresce entre o manejo do erval – à esquerda;</p> <p>19 • Com o mate, minha irmã – à direita;</p> <p>20 • Abelhas com ferrão, guardiãs polinizadoras – à esquerda;</p> <p>21 • Cedro iluminado pelos raios solares nascentes – à direita;</p> | <p>53 • Colheita da erva-mate I – disposição sob duas páginas;</p> <p>54 • Colheita da erva-mate II – à esquerda;</p> <p>55 • Colheita da erva-mate III – à direita;</p> <p>56 • Colheita da erva-mate IV – à esquerda;</p> <p>57 • Quebra dos ramos I – à direita;</p> <p>58 • Colheita da erva-mate V – à esquerda;</p> <p>59 • Quebra dos ramos II – à direita;</p> <p>60 • Lepidoptera – o ciclo da Taturana – à esquerda;</p> <p>61 • Lagarta-da-erva-mate – à direita;</p> <p>62 • Tronco de imbuia – Ocotea Porosa – à esquerda;</p> <p>63 • Oco em Sapopema – à direita;</p> <p>64 • Cintila a floresta – disposição sob duas páginas;</p> <p>65 • Aranha-macaco-armadeira – à esquerda;</p> <p>66 • A imponente Sapopema II – à direita;</p> <p>67 • Pôr do Sol na Comunidade Iratinzinho, Bituruna, Paraná – disposição sob duas páginas;</p> <p>68 • Galho coberto de musgos e cogumelos – à esquerda;</p> <p>69 • Líquens e musgos da Floresta Ombrófila Mista – à direita da página;</p> <p>70 • Cogumelos silvestres brancos – à esquerda;</p> <p>71 • Ao redor, o mate flui – à direita;</p> <p>72 • Pousa a libélula – disposição sob duas páginas;</p> |
|---|---|

|  |   |
|--|---|
| <p>22 • Tear sob o erval – disposição sob duas páginas;</p> <p>23 • Na umidade, uma rã verde – à esquerda;</p> <p>24 • Vertedouro de água I – à direita;</p> <p>25 • Vertedouro de água II – à esquerda;</p> <p>26 • Sapeco das folhas do mate – à direita;</p> <p>27 • Erva pronta para chimarrão – disposição sob duas páginas;</p> <p>28 • Moagem da erva-Mate I – disposição sob duas páginas;</p> <p>29 • Moagem da erva-Mate II – disposição sob duas páginas;</p> <p>30 • Fogão à lenha com nossos sabores – à esquerda;</p> <p>31 • Peneira com erva-mate processada – à direita;</p> <p>32 • Pilão para o soque do mate – disposição sob duas páginas;</p> <p>33 • Moagem da erva-Mate III – disposição sob duas páginas;</p> <p>34 • Folhas da erva-mate em secagem – à esquerda;</p> <p>35 • Primeira moagem das folhas de <i>Caá-Yari</i> – à direita;</p> <p>36 • Morros cobertos com a Floresta Ombrófila Mista – disposição sob duas páginas;</p> <p>37 • Estrada encoberta pela névoa – à esquerda;</p> <p>38 • Araucária <i>Angustifolia</i>, a guardiã do erval – à direita;</p> | <p>73 • Floresce <i>Caá-Yari</i> – disposição sob duas páginas;</p> <p>74 • Sob a sombra, brota <i>Caá</i> – à esquerda;</p> <p>75 • Umidade e sentimentos – à direita;</p> <p>76 • Caminhar em minha terra – disposição sob duas páginas;</p> <p>77 • <i>Caá</i> me agasalha – à esquerda;</p> <p>78 • Irmãs, flores de <i>Caá-Yari</i> – à direita;</p> <p>79 • Gotículas sobre <i>Caá</i> – à esquerda;</p> <p>80 • Cogumelo gorro de fada – <i>Coprinellus Dissemminatus</i> – à direita;</p> <p>81 • Jararaca-da-mata – <i>Bothrops Jararaca</i> – disposição sob duas páginas;</p> <p>82 • Erveira-mãe, guardiã das sementes – à esquerda;</p> <p>83 • Sementes de erva-mate estratificadas – à direita da página;</p> <p>84 • Emana do casulo – à esquerda;</p> <p>85 • Entardecer na floresta – à direita;</p> <p>86 • Teias douradas – à esquerda;</p> <p>87 • A vista entre a folha – à direita;</p> <p>88 • Flores de <i>Caá-Yari</i> — <i>Erva-mate II</i> – disposição sob duas páginas;</p> <p>89 • <i>Jessi</i> floresce – à esquerda;</p> <p>90 • <i>Patrícia</i> floresce – à direita;</p> <p>91 • <i>Veronica</i> floresce – à esquerda;</p> <p>92 • <i>Jaine</i> floresce – à direita;</p> <p>93 • Um rito, a colheita de temporada – disposição sob duas páginas;</p> <p>94 • Entre nuvens, brota, cresce e floresce – disposição sob duas páginas;</p> |
|--|---|

### 7.3. Entrevistas com erveiros

As entrevistas reunidas neste apêndice foram realizadas a partir da vontade de registrar e preservar as memórias vivas de quem mantém, com as próprias mãos, os modos tradicionais de cultivo, beneficiamento e uso da erva-mate. Esses encontros aconteceram durante visitas a propriedades rurais, que aconteceram durante os meses de setembro até novembro de 2024, nas quais acompanhei meu pai, Bernardo Vergopolem, também agricultor e profundo conhecedor do tema.

Mais do que simples conversas, os apêndices incluídos, tratam-se de pequenos trechos extraídos dos relatos que revelam um saber regional profundamente enraizado, passado entre gerações, mas que corre o risco de se perder com o tempo. Optou-se por incluir essas entrevistas como apêndice, fora do corpo central do trabalho, para não sair do núcleo familiar representado no produto, assim, sem deixá-las de fora — pois são parte essencial da história que se pretende contar. Ao lê-las, o leitor é convidado a adentrar os carijós, os galpões de secagem e as memórias dos erveiros que ainda hoje mantêm viva a tradição do mate no sul do Paraná.

### 7.4. Entrevista com Valdivino Sant'Ana

*Comunidade Pitanguinha, Bituruna, Propriedade do Sr. Valdivino Sant'Ana*

Uma tarde ensolarada, um veranico em meio aos últimos dias do inverno deste ano. As estradas sob uma névoa, mas não de umidade, e sim de calor. O sol aquece tanto a terra nestes últimos dias, que a poeira se espalha e forma nuvens de poeira com o passar de carros nas estradas estreitas do interior do município de Bituruna.

Meu pai dirigia o carro, um uno azul brilhante e em formato arredondado, e não o clássico quadrado que é tão famoso por aí.

Sentados dentro do quintal de Valdevino conversávamos, meu pai todo curioso e empolgado pelas histórias. Pergunta daqui e responde dali, me tornei até mera narradora nessa prosa – forma de conversa com um aspecto de se contar histórias de forma oral, usando da memória como instrumento comprobatório e documental dos fatos.

Jaine - Sr. Valdivino, o senhor tem uma longa história com a erva-mate. Pode nos contar como começou?

– Ah, sim. Eu trabalho com a erva-mate desde que era piá, bem novo. Meu pai ensinou, e era um trabalho de família. A gente se criou nessa lida, cortando e secando a erva do jeito antigo, sem máquina, tudo feito com a mão e paciência. No começo, tudo era no carijo.

Jaine - O senhor pode descrever esse processo mais tradicional?

– Claro. A gente cortava a erva, fazia feixes e começava a secar no final da tarde. Tinha um fogaréu que mantinha aceso durante a noite toda. Meu pai acordava de madrugada para cuidar do fogo. Aí, a erva secava devagar até o outro dia de tarde. Eram umas vinte e quatro horas de fogo. Depois, pegávamos a erva, canchávamos, tirávamos os galhos e peneiramos, tudo feito à mão. Levava tempo, mas a qualidade da erva era outra.

Jaine - Esse processo exige bastante paciência e trabalho manual. Nunca pensou em investir em maquinário?

– Não. A gente faz do jeito que aprendeu, como meu pai fazia. Nunca peguei dinheiro de banco para investir em máquina ou coisa assim. Fui fazendo devagar, com o que dava. O que tinha era o que usávamos. Cada pedaço do trabalho tem história.

Jaine - Hoje em dia, como o senhor vê o mercado e o interesse em métodos tradicionais?

– Olha, o pessoal de hoje quer as coisas prontas, tudo rápido, não querem saber de tradição. E tem essa coisa do preço também, que não ajuda. Quem produz no campo e faz um trabalho de raiz, vê o valor na erva-mate, mas o mercado quer o mais barato, e isso complica. E hoje em dia, tem gente que corta a erva e põe veneno, o que é diferente do que a gente fazia. É difícil ver os mais novos interessados.

Jaine - E o senhor acredita que essas técnicas antigas têm valor hoje?

– Acredito, sim. O trabalho de antigamente tem valor, não só pela qualidade, mas também pela história. Tinha todo um jeito de fazer, até no lugar onde espalhávamos a erva, no chão de chão batido, bem firme. Colocávamos cinza para deixar o chão mais firme. Aí vinha a estação pra fazer fumaça, que ajudava a secar. Essa tradição deveria ser valorizada.

Jaine - Com tantas mudanças no mercado, já pensou em outras formas de trabalhar com a erva?

– Não, nunca pensei em mudar. Eu cuido da erva do jeito que aprendi. Planto do meu jeito, devagar. A tradição e o jeito que meu pai fazia é como eu vejo valor. E acho que quem quer entender de erva tem que saber do jeito antigo.

Jaine - Por fim, o que o senhor gostaria de passar para as futuras gerações sobre o cultivo de erva-mate?

– Eu diria pra respeitar a tradição e o trabalho da erva-mate. É mais que um produto, é uma parte da nossa cultura. Quem trabalha do jeito antigo sabe o que tem ali, o esforço. E por isso é importante. Acredito que as pessoas, se valorizarem a erva, vão entender que tem uma história e um modo de fazer que não se vê em qualquer lugar.

### **7.5. Entrevista com João Gabsk – o guardião do carijo**

*Cruz Machado, propriedade do senhor João Gabsk*

Jaine – Seu João, o senhor vive aqui em Cruz Machado desde sempre?

– Sim, moro aqui desde que nasci. Já são 62 anos. Minha mãe nasceu aqui também, mas meu pai veio de Canoinhas, em Santa Catarina. Quando ele chegou, tinha só um ranchinho. Depois, aos poucos, foi construindo uma casinha maior.

Jaine – O senhor aprendeu a lidar com a erva-mate com seus pais?

– Aprendi com minha mãe. Meu pai faleceu quando eu tinha apenas 6 anos. Desde cedo, eu e meus irmãos ajudávamos. Naquela época, só se vendia erva seca. Não existia essa coisa de vender erva verde, nem tinha indústria. A gente secava no carijo, canchava e peneirava tudo à mão.

Jaine – Como é esse sistema tradicional de produção que o senhor mantém?

– Eu faço como os antigos. A erva é sapecada no fogo, depois é quebrada em feixes e colocada no carijo para secar. É um trabalho manual, sem veneno nem agrotóxicos. Uso roçadeira para limpar e, quando preciso de mudas, tiro do mato ou pego de alguém. É um cuidado mais natural, sabe?

Jaine – E a terra onde o senhor trabalha, ela tem uma história?

– Sim. Tem partes do terreno que não são roçadas há mais de 40 anos, são capoeiras fechadas. Algumas áreas têm ervas que crescem na sombra, mas ali o problema é a taquara. Já em outras partes, a erva se desenvolve mais aberta, mais bonita.

Jaine – Por que o senhor decidiu continuar com o sistema tradicional, mesmo com a modernização?

– Eu resolvi continuar porque é algo que eu gosto, algo que tem um valor pra mim. No começo, fazia mais para consumo próprio, mas depois comecei a vender. Particpei de feiras na vila, vendendo erva, verduras e outras coisas. O carijó é um carinho que eu tenho pelo trabalho.

Jaine – O senhor vê esse tipo de produção desaparecendo com o tempo?

– Ah, vejo sim. A maioria quer modernizar, mas eu acho importante manter as raízes. A erva que vem do sistema tradicional tem um sabor diferente, uma qualidade que não se acha em qualquer lugar.

Jaine – E a vida aqui sempre foi assim, na simplicidade?

– Sempre. Eu estudava aqui mesmo, numa escola de madeira que ficava a uns dois quilômetros de casa. Andava a pé todos os dias. A vida sempre foi assim: trabalho, simplicidade e respeito pela terra.

Jaine – Para finalizar, o senhor tem algum chimarrão guardado?

– [Risos] Tenho sim, mas é pouco. É que nem pra mim sobra muito, mas para o meu chimarrão sempre tem um jeito.

## **7.6. Entrevista com Domingos Krul**

*Propriedade da família Krul, Cruz Machado*

Jaine - Poderia nos contar sobre o início do seu envolvimento com a produção de erva-mate?

– Claro! Eu comecei bem cedo, com apenas três anos de idade, ajudando a família. Naquela época, o processo era todo artesanal. A erva era secada nos carijós e depois "maíada" manualmente. Usávamos peneiras de várias espessuras para separar a qualidade da erva, e tudo era embalado em sacos grandes. Era um trabalho coletivo, feito com muito esforço e dedicação.

Jaine - E como era o mercado para a erva-mate naquela época?

– Era muito diferente do que é hoje. A gente vendia para empresas como a Leão Júnior, e a erva era transportada para regiões como Guarapuava e Inácio Martins. Também fazíamos escambo: trocávamos a erva-mate por sal, toucinho e outros produtos que precisávamos.

Jaine - Você mencionou que a imigração teve um papel importante na produção de erva-mate. Pode falar mais sobre isso?

– Sim, nossa família veio para cá por volta de 1911, já com conhecimento sobre o cultivo da erva-mate. Essa tradição foi passada de geração em geração. No entanto, houve divisões dentro do grupo de imigrantes, e muitos parentes acabaram se separando ao longo do tempo.

Jaine - E como era a infraestrutura naquela época?

– Era bem precária. A gente tinha que carregar a erva nas costas por até 20 quilômetros até chegar ao Pátio Velho, que era o ponto de comércio. Não tinha transporte adequado, e tudo dependia do esforço físico.

Jaine – Como foi a transição para a propriedade onde você vive hoje?

– Eu me mudei para cá há 32 anos. Antes, essa área era puro mato. Fizemos o desmatamento com autorização do IAP, mas preservamos espécies importantes, como o pinheiro. Foi um trabalho árduo, mas aos poucos a propriedade foi se transformando. Hoje, usamos equipamentos como "picadeiras" para facilitar o processamento da erva-mate, o que mudou bastante nossa rotina.

Jaine - O Pátio Velho tinha um papel importante na comunidade. Por que ele nunca se tornou um município?

– Isso aconteceu por questões políticas. Apesar de ter delegacia, prefeitura e ser uma região central, os interesses da elite local impediram o crescimento de Santana. Era muita rivalidade, e o Pátio Velho acabou sendo deixado de lado no processo de urbanização.

Jaine - Como você vê a preservação da história e das tradições da produção de erva-mate?

– Eu sempre digo que, mesmo com as mudanças, a tradição e a cultura não podem ser esquecidas.







J A I N E V E R G O P O L E M

# FLORES DE CAÁ-YARI

Uma jornada fotográfica através da essência dos  
Sistemas de Produção Tradicionais e  
Agroecológicos de Erva-mate



Família Vergopolem,  
aqui florescemos.













































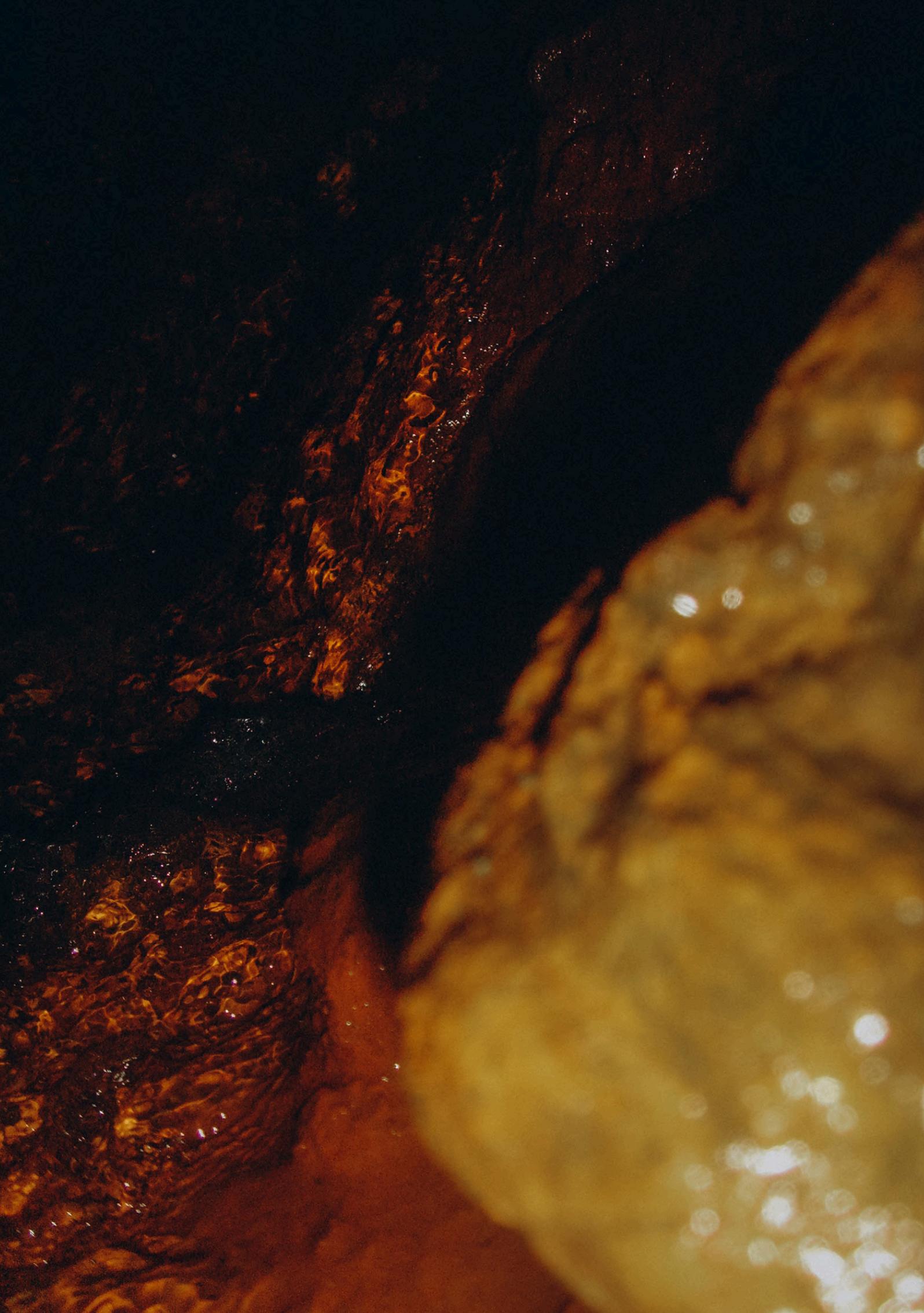


































































































































































































# Sumário | legendas

Involúcro · Flores de Caá-Yari – Florada da Erva-mate I

01 · Amanhecer no erval da Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;

02 · Teias bordadas pela névoa – à esquerda;

03 · Borboleta-do-manacá sobre a erva-mate – à direita;

04 · Bernardo Vergopolem, meu pai – à esquerda;

05 · Veronica Hinka Vergopolem, minha mãe, e Bernardo Vergopolem, meu pai – à direita;

06 · À sombra do erval, meus pais – à esquerda;

07 · À sombra do erval, a família Vergopolem – começando da esquerda para a direita, apresenta minha irmã, Jessica Mara Vergopolem, com o nosso cachorro, Lucky, em seu colo; seguindo o casal Jean Bernardo Vergopolem e Patrícia Ferreira da Silva; depois meus pais, Veronica Hinka Vergopolem e Bernardo Vergopolem; meu esposo, Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf e em seguida eu, Jaine Maize Vergopolem Wassmansdorf – à direita;

08 · Minha mãe e o chá de erva-mate – à esquerda;

09 · Preparação do chá de erva-mate – à direita;

10 · Fogo para o sapeco do mate – à esquerda;

11 · Infusão de erva-mate – à direita;

12 · Meus avós, Maria Novacki Hinka e João Hinka – disposição sob duas páginas;

13 · Meu companheiro, Jorge Augusto Vergopolem Wassmansdorf – à esquerda;

14 · Descalços sob o solo da Serra das Araucárias, Jorge e Jaine – à direita;

15 · Família Vergopolem floresce enraizada à Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;

16 · Jean e Patrícia – à esquerda;

17 · Plantio da muda da erva-mate pelas mãos de Jean e Patrícia – à direita;

18 · Jessica Mara Vergopolem floresce entre o manejo do erval – à esquerda;

19 · Com o mate, minha irmã – à direita;

20 · Abelhas com ferrão, guardiãs polinizadoras – à esquerda;

21 · Cedro iluminado pelos raios solares nascentes – à direita;

22 · Tear sob o erval – disposição sob duas páginas;

23 · Na umidade, uma rã verde – à esquerda;

24 · Vertedouro de água I – à direita;

25 · Vertedouro de água II – à esquerda;

26 · Sapeco das folhas do mate – à direita;

27 · Erva pronta para chimarrão – disposição sob duas páginas;

28 · Moagem da erva-Mate I – disposição sob duas páginas;

29 · Moagem da erva-Mate II – disposição sob duas páginas;

30 · Fogão à lenha com nossos sabores – à esquerda;

31 · Peneira com erva-mate processada – à direita;

32 · Pilão para o soque do mate – disposição sob duas páginas;

33 · Moagem da erva-Mate III – disposição sob duas páginas;

34 · Folhas da erva-mate em secagem – à esquerda;

35 · Primeira moagem das folhas de *Caá-Yari* – à direita;

36 · Morros cobertos com a Floresta Ombrófila Mista – disposição sob duas páginas;

37 · Estrada encoberta pela névoa – à esquerda;

38 · Araucária *Angustifolia*, a guardiã do erval – à direita;

39 · Águas do Rio Pitanguinha – à esquerda;

40 · Araucárias ao amanhecer – à direita;

41 · Amanhecer no erval I – à esquerda;

42 · Amanhecer no erval II – à direita;

# Sumário | legendas

- 43 · Mimosa Scabrella – Bracatinga I – à esquerda;
- 44 · Tear e o orvalho – à direita;
- 45 · Mimosa Scabrella – Bracatinga II – disposição sob duas páginas;
- 46 · Pássaro e a construção do ninho – à esquerda;
- 47 · Surucuá-variado ou surucuá-de-peito-azul I – à direita;
- 48 · Surucuá-variado ou surucuá-de-peito-azul II – à esquerda;
- 49 · Vista através da Serra das Araucárias – disposição sob duas páginas;
- 50 · A imponente Sapopema I – disposição sob duas páginas;
- 51 · Folha de erva-mate e seus veios – à esquerda;
- 52 · Entre ervais, Bernardo Vergopolem – à direita;
- 53 · Colheita da erva-mate I – disposição sob duas páginas;
- 54 · Colheita da erva-mate II – à esquerda;
- 55 · Colheita da erva-mate III – à direita;
- 56 · Colheita da erva-mate IV – à esquerda;
- 57 · Quebra dos ramos I – à direita;
- 58 · Colheita da erva-mate V – à esquerda;
- 59 · Quebra dos ramos II – à direita;
- 60 · Lepidoptera – o ciclo da Taturana – à esquerda;
- 61 · Lagarta-da-erva-mate – à direita;
- 62 · Tronco de imbuia – Ocotea Porosa – à esquerda;
- 63 · Oco em Sapopema – à direita;
- 64 · Cintila a floresta – disposição sob duas páginas;
- 65 · Aranha-macaco-armadeira – à esquerda;
- 66 · A imponente Sapopema II – à direita;
- 67 · Pôr do Sol na Comunidade Iratinzinho, Bituruna, Paraná – disposição sob duas páginas;
- 68 · Galho coberto de musgos e cogumelos – à esquerda;
- 69 · Líquens e musgos da Floresta Ombrófila Mista – à direita da página;
- 70 · Cogumelos silvestres brancos – à esquerda;
- 71 · Ao redor, o mate flui – à direita;
- 72 · Pousa a libélula – disposição sob duas páginas;
- 73 · Floresce Caá-Yari – disposição sob duas páginas;
- 74 · Sob a sombra, brota Caá – à esquerda;
- 75 · Umidade e sentimentos – à direita;
- 76 · Caminhar em minha terra – disposição sob duas páginas;
- 77 · Caá me agasalha – à esquerda;
- 78 · Irmãs, flores de Caá-Yari – à direita;
- 79 · Gotículas sobre Caá – à esquerda;
- 80 · Cogumelo gorro de fada – Coprinellus Disseminatus – à direita;
- 81 · Jararaca-da-mata – Bothrops Jararaca – disposição sob duas páginas;
- 82 · Erveira-mãe, guardiã das sementes – à esquerda;
- 83 · Sementes de erva-mate estratificadas – à direita da página;
- 84 · Emana do casulo – à esquerda;
- 85 · Entardecer na floresta – à direita;
- 86 · Teias douradas – à esquerda;
- 87 · A vista entre a folha – à direita;
- 88 · Flores de Caá-Yari — Erva-mate II – disposição sob duas páginas;
- 89 · Jessi floresce – à esquerda;
- 90 · Patrícia floresce – à direita;
- 91 · Veronica floresce – à esquerda;
- 92 · Jaine floresce – à direita;
- 93 · Um rito, a colheita de temporada – disposição sob duas páginas;
- 94 · Entre nuvens, brota, cresce e floresce – disposição sob duas páginas;



No ventre da terra, um segredo pulsa,  
sementes adormecem entre dedos ancestrais.  
Raízes sussurram histórias em língua de seiva,  
contam do tempo em que a mata era seio e alento.

Aqui somos – brotamos entre sombras e auroras,  
crescemos como a Caá, firmes e indomáveis.  
Cada folha que desperta é um nome antigo,  
cada talo erguido, um gesto de resistência.

E quando florimos, a terra nos reconhece.  
Somos perfume, somos herança, somos eco.  
No abraço do vento, na dança das mãos,  
o ciclo se refaz – eterno, verde, nosso.

